ANNO XXXII. N. 33.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

DOMINGO 10 DE FEVEREIRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO' NO NORTE.
Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade ; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior ; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga ; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira ; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues ; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense ; Pará, o Sr. Justiano J. Ramos ; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda : todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns : nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exu' e Ouricury : a 13 e 28.
Goianna e Parahiba : segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal : nas quintas-feiras.

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio : quartas e sabbados.
Relação : terças-feiras e sabbados.
Fazenda : quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio : segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos : segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel : segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel : quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE FEVEREIRO.
6 Lua nova as 7 horas, 23 minutos, 48 segundos da manhãa.
13 Quarto crescente aos 7 minutos e 48 segundos da manhãa.
20 Lua cheia a 7 hora, 30 minutos e 48 segundos da tarde.
29 Quarto minguante aos 19 minutos e 48 segundos da manhãa.
PREAMAR DE HOJE.
Primeira as 8 horas e 30 minutos da manhãa.
Segunda as 8 horas e 54 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
4 Segunda. S. André Corsino b. ; S. José da Leonissa f.
5 Terça. S. Agueda v. m. ; S. Pedro Baptista e seus compan.
6 Quarta de Cinza. S. Dorothea v. m. ; S. Vidasto.
7 Quinta. S. Romualdo ab. ; S. Ricardo rei ; S. Moyses b.
8 Sexta. S. João da Matta ; S. Corinthia m. ; S. Pedro Damião.
9 Sabbado. S. Appollinaria v. m. ; S. Ansberto.
10 Domingo. 1.º da Quaresma. S. Escolastica v. irmã de S. Bento.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO NO SUL.
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias ; Bahia, o Sr. D. Duprat ; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.
EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria Praça da Independencia ns. 6 e 8.

Muito se tem clamado nestes ultimos tempos contra a ambição da Russia, entretanto que quasi nada se tem dito contra a da Inglaterra e mesmo da França.

He verdade que os clamores contra aquella potencia são em mui grande parte levantados pelos Inglezes e Francezes, cuja influencia ella ameaça aniquilar a vista das acquisições que na Europa tem ultimamente feito e intenta fazer ; mas como negar-lhe o direito de estender sua dominação quem tem praticado e está praticando o mesmo ? Será porque se tem ella engrandecido principalmente a custa de nações europeas ao passo que a Inglaterra e a França o tem feito mais a custa de nações asiaticas e africanas ? Haverá então dous direitos das gentes, um para aquellas nações e outro para estas ? Poderão as primeiras ser conquistadas e as segundas não ?

Se a Russia apossou-se da Polonia, não apossou-se tambem a Inglaterra de todo o Indostão, e a França de toda a Algeria? Se os Russos cobiçam a Turquia, não cobiçam tambem os Inglezes o Egypto e os Francezes a Belgica ? Mas, dirá alguem, a Russia aspira a dominação universal e as outras potencias não.

Concedemos que a França, no estado em que se acha, não sonha agora com o dominio do mundo, como no tempo do seu Carlos Magno e do seu Napoleão I. ; mas não podemos conceder que tão monstruoso sonho não emballe a Inglaterra assim como emballa a Russia.

He por isso que na quadra actual, a primeira, coberta de louros, mostra-se disposta a fazer a paz, entretanto que as outras duas ostentam-se cada vez mais obstinadas em sustentar a guerra, esperando cada uma poder afim humilhar a sua competidora para mais liberdade ter em seus desenvolvimentos.

A ambição das nações he como a dos individuos, vai sempre crescendo e nunca se farta. Quando pequenas e fracas, ambicionam pequenas cousas, mas chegadas a um certo grao de poder e de grandeza, parece que só a dominação universal as pode satisfazer. Felizmente acontece a estas o que acontece aquelles. A Providencia não tolera que se engrandeçam a custa das outras senão para que depois maior e mais estrondosa seja a sua queda.

Que he feito dos famosos imperios dos Assyrios, Parthos e Medos, Gregos e Romanos, ? Cahiram todos debaixo do peso de sua propria grandeza. Os que tudo quizeram ser, de ha muito que nada são.

Castigo evidente infligido a tão desmarcada ambição !

O que eram a Russia e a Inglaterra antes dos celebres reinados de Pedro Grande e de Isabel ? Pequenos estados que a ninguem intimidavam.

O que são ellas agora ? Grandes potencias a quem todos respeitam e temem.

E como procederam para chegar a esse grao de poder e de grandeza ? Intrigando, opprimindo e devastando.

He por estes meios que a Russia tem estendido a sua dominação por grande parte da Europa e da Asia Setemptrional, elevando a população que lhe he sujeita ao espantoso numero de 60,000,000 de almas, he por estes meios que a Inglaterra tem estendido a sua por todo o orbe terrestre. Asia Africa, Europa, America, Oceania, nada lhe tem escapado : em toda a parte tem ella feito acquisições, mais ou menos importantes. Evitando com cuidado vir as mãos com os poderosos, não ha estado pequeno a quem não tenha imposto a sua vontade de ferro, 180,000,000 de entes humanos lhe obedecem hoje !

A Austria, a Prussia e os mais estados da Europa, com excepção unica do Piemonte, não tem querido tomar parte activa na lucta travada entre os dous gigantes que a todos trazem assustados. Summa imprudencia seria terem obrado.

Em vez de concorrerem para que um delles saia victorioso com humilhação do outro, convem-lhes que ambos se enfraqueçam e esgotem, pois só assim poderão gozar de socego e liberdade.

Do seculo passado para cá tem a Russia adquirido na Europa, a Finlandia com as ilhas de Aland, a Polonia e a Criméa, e na Asia toda a região caucasiana, a qual fora submettida pelo general Iermolof de 1817 a 1827.

A Finlandia foi-lhe cedida pela Suecia depois de guerras desastrosas, parte em 1721 pelo tratado de paz de Nystadt, parte em 1743 pelo tratado de Abo, e o resto em 1809 pelo tratado de Frederikshamm.

A Polonia, adquirio-a ella, parte em 1772, 1793 e 1795 pelas mutilações que desse reino fez em seu proveito proprio e no de suas vizinhas, a Austria e a Prussia, e o resto por annexação em 1831.

A Criméa fora-lhe encorporada em 1738 depois de ter sido o sultão obrigado a renunciar a toda a supremacia sobre os Tartaros dessa peninsula e sobre os Cossacos do Mar Negro pelo tratado de paz de Koutchouk Kainardj concluido em 1777, sendo-lhe cedidos nessa mesma occasião Azof, Kertch, Jenicale, a grande e a pequena Kabardah.

As acquisições da Inglaterra durante o mesmo periodo de tempo são ainda mais espantosas.

Na India obteve ella em 1757 do Nababo de Bengala, 27 pergunnas ; em 1758, Masulipam do Nizam ; em 1760, Bendwan e Chittagongo, do Nobabo de Bengala ; em 1765, Bahar e Orissa, do imperador de Delhi, e Jaghire de Madrasta, do Nababo de Aacot ; em 1775, Zeninday de Benares, do Visir de Onde ; em 1776, a ilha de Salseth dos Maharattas ; em 1778, a cidade e forte de Nagor, do Raja de Temjore, e Guntar Circar, do Nizam ; em 1786, Pulo Penang, do rei de Gueda ; em 1792, Malabar, de Tipu Sultão ; em 1799, Camara e Coimbatur, do mesmo e Tanjore, do Raja de Tanjore ; em 1800, as provincias Mysoreanas, do Nizam ; em 1801, Carnatico, do Nobabo de Carnatico, e Guruchpur e Bareilly, de Visir de Onda ; em 1802, Bundelcunda, do Peishua ; em 1803, Kuttuck e Ballasore, e o Raja de Berar e o territorio de Delhi, do Scindia ; em 1805, parte do Gujerat, do Guicowar ; em 1818, Kandeish, do Holkar, Ajmere, do Scindia, Puná e o paiz dos Maharattas, do Peishwa e os destrictos de Nerbudade, do Raja de Besar ; em 1824, Singapor, do Raja de Johor ; em 1825, Malaca, etc. do rei da Hollanda ; em 1826, Aosa, Arracan e Tennesserim, do rei de Ava ; em 1834, Kurg, do Raja de Kurg ; em 1841, Scinde, dos Amirs de Scinde ; em 1848, Punjab, dos Sikhs e em 1853, Pegu do rei de Ava.

Em summa todo o continente da India, excepto somente Bhootan e Nepaul, lhe está sujeito !

Na Asia pertence-lhes mais Hong Keng na China por conquista.

As acquisições feitas nas outras partes do mundo são as seguintes.

Gibraltar tomado á Hespanha em 1704 ; Alto e Baixo Canadá tomado á França em 1759 ; de 1760 a 1820 obteve ella ainda dos Francezes, Tobago, Dominica, S. Vicente, S. Lucia, Mauricia e Seichelles ; dos Hollandezes, Trindade, Essequibo, Demeroza, Berbice, Cabo da Boa Esperança e Ceylão ; dos Dinamarquezes, Heligolande, Matta e Gozo ; por ajuste obteve as ilhas Jonicas, e por occupação, Nova Galles do Sul, Terra de Van Diemen, ilha de Norfolk e ilha de Talklande e Serra Leoa.

De 1820 para cá tem a Inglaterra ainda adquirido o rio Swan, a Australia meridional, a Nova Zelandia, a Australia septentrional, a Australia Felis, Labuam e Sarawah.

O que provam todas estas acquisições senão ambição desmarcada de que estão animadas as potencias que as tem feitos ?

Em vez de empregarem os poderosos meios de que dispõem em melhorar a condição de seus subditos, empregam-nos em opprimir as nações mais fracas, importando-lhes tudo a gloria do estado, e nada o bem estar dos individuos que o compõe.

Ao passo que o nome da Russia e da Inglaterra fazem tremer o mundo, um grande numero de Russos e de Inglezes vivem em seu paiz natal no mais afflictivo estado de ignorancia e de miseria.

A servidão tira aquelles e o pauperismo a estes a dignidade propria do ente racional.

Mais de um milhão de individuos carecem na Inglaterra dos objectos mais necesssarios a vida e recebem das parochias, a titulo de esmola, os tres quintos da somma indispensavel a sua existencia.

Se os filhos são assim tratados, de que modo o serão os servos ? A India e a Polonia que nos respondam.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA !

Correio de Olinda.—Aquella antiga e leal metropole de Pernambuco era quem faltava enriquecer a nossa *Pagina* com as suas noticias. Com gosto as recebemos por considerarmos o estado de pobreza e esquecimento em que jaz.

— Que ficará de ti cidade antiga ?
Se a propria Academia esclarecida
As costas volta, te vai dando figa ?

O seu estado he lastimoso, he pouca a sua pobreza, morria a sêde, e a não serem as aguas pluviaes, que nestes dous ultimos dias Deos tem nos mandado, o que seria dos Olindenses ? Se porum lado renasce em Olinda uma esperança—a de não morrerem a sêde, por outro o seu destino ameaça-a cruelmente com a lembrança da terrivel epidemia, que sobre nós ja pesa.—Aquella cidade não tem um medico que a soccorra : o Dr. Poggi mudou-se para esta capital ; o Dr. Moraes sempre distrahido com os seus afazeres não poderá certamente ser pontual, quando se precisar de seus serviços, emfim, alli tem-se apezar de tudo confiança em Deos e no governo, que certamente cuidadoso como se tem mostrado, não deixará de com tempo soccorrer aquelle pobre povo, e como S. Exc. tenha de estabelecer alli um hospital, vos pedimos uma licença para lembrar o edificio destinado para a Academia, que estando situado no centro da cidade, poderão facilmente os doentes para alli serem transportados.

No dia 2 do corrente foi festejado em sua igreja o glorioso S. Sebastião : a procissão esteve esplendida. Aquelle povo he nimiamente religioso, e pela concurrencia e influencia da festa parecia que havia entre elle e o seu defensor uma alliança : parecia que havia um tratado—não me abandoneis que eu vos livrarei da peste.

Pretendem organisar alli uma sociedade, que tem por fim—a todo custo—o enterramento dos cholericos, caso a Divina Providencia determine que soffram um tal flagello. Louvamos os pios desejos desses, que tão humanos e christãos se querem dedicar a um fim tão magnanimo ! Esse testemunho de fraternidade não desfalcará por certo as burras dos ricos proprietarios de Olinda e seus contornos.

Sr. fiscal de Olinda, vêde que vos espreitamos com o nosso *binoculo* ! Então desprezastes a casa do mercado ? Ca e lá mas fadas ha...

—Isto he que he gente apaixonada pelo entrudo d'agua ! N'uma casa na praça da Boa-Vista ha uma devoção de molharem quem passa, que só se levando uma caldeirada he que se pode avaliar o bom gosto d'esses moradores por cousas frias e molhadas !.. um ! leva comtigo.. e que cheirinho tem *as* taes inundações, só quem não se banha a seculos.

—Appareceu ao mar, nas Cinco-Pontas, na sexta-feira, um cadaver de preta.

—Pedimos á Illma. camara que mande suster os dobres funebres das igrejas, até que esta quadra melancolica passe ; cada um, que ajuize o effeito, que actualmente causa os tristes signaes pelos mortos.

—Está desertando o destacamento de *braços*, que foi para Santo Antão. Felizmente os *Russos* estavam ja em putrefacção ; que lição estão dando a esse destacamento os municipaes de Maceió !

—No becco tapado ha uma senhora viuva, que todas as noites reune em sua casa um bando de jogadores, que põem em alarma toda visinhança com gritos infernaes !

Diga senhora viu...u..va,
Você com quem quer caza-a-ar.
Vem cá meu bem
Quero te contar
Que certa viuva
Faz vida em jogar !

—Ha uma idea sublime na guarda nacional d'esta capital : criar uma caixa para com o resultado d'ella criarem por missão do governo em cada hospital dos districtos um lugar para os guardas nacionaes pobres, que forem affectados da epidemia. Consta-nos ser do programma, que os medicos dos corpos de guarda nacional serão os que hão de tratar dos guardas.

Se tiver effeito um tal projecto a guarda nacional do Recife, cobre-se de gloria ; será eternamente considerada. Não desanimem os Srs. officiaes. O Sr. barão da Boa-Vista certamente, que muito influirá para que se realise uma idea de tanta philantropia.

—O Sr. Dr. Brito acha-se bastantemente atacado da epidemia reinante ; fez junta, e esta por ora não desesperou ainda.

Nós fazemos votos para que S. S. possa com brevidade ser restabelecido. São esses os tropheos do homem, que se dedica a humanidade.

—Consta-nos, que se acha recolhido o Sr. capitão Carneiro Monteiro : nada podemos aventurar a respeito desta medida do governo, diremos tão somente, que a vida de um militar he extremamente espinhosa.

—Recommendamos, que o povo copie o seguinte Bemdito do Senhor dos Passos, e tenha-o para sua devoção : •foi-nos enviado da Bahia.

Senhor, pelos vossos Passos
P'ra salvar a humanidade
Da cruel peste livrai
Ao povo desta cidade.

Esta cholera terrivel
Que não cede a medicina,
He dos crimes o castigo
He a justiça Divina.

Humilhados e contrictos
Na vossa immortal presença
Viemos hoje appellar
Da vossa justa sentença.

Cheios de fé esperamos
Qu'ella será reformada ;
Pois Maria, vossa Mãi
He a nossa advogada.

O impio, Senhor conhece
O vosso eterno poder,
E hoje só pede vida
P'ra vos amar e querer.

Sede vós mesmo o santelmo
Que neste mar de amarguras
Livre do cruel naufragio
As afflictas creaturas.

Reparai, Jesus querido,
Para o nosso littoral
Vêde as horriveis desgraças,
Consequencias d'este mal.

Afflicção, a dor e o luto
A viuvez, a orphandade,
A compaixão vos nãomove
Oh ! Senhor Deos de bondade !

Somos culpados de certo ;
Porem, meu Deos, perdoai :
P'ra quem correrá um filho
Se não lhe valer seu Pai ?

A vossa justiça brada
Dos crimes a punição ;
Mas vossa misericordia
Tambem vos brada—perdão.

Caminhastes ao Calvario
Para nós todos salvar,
E quereis, Juiz Eterno,
A nós todos condemnar ?

Não he tão pia e christãa *
Esta terra Bom Jesus,
E este imperio que geme,
Não he o da vossa cruz ?

Lave, meu Deos, nossas culpas,
Vosso sangue precioso,
Seja o Brasil como d'antes
Um imperio venturoso.

A' vosso povo salvai
Pelas quedas que levastes,
Pelas crueis bofetadas,
Pela cruz que carregastes.

Pela corôa de espinhos
Por vossa morte e paixão
Por Maria vossa Mãi
Misericordia e perdão.

Nós ousamos acrescentar.

Dai coragem meu Bom Deos
Ao povo pernambucano,
Para que resista *firme*
A um mal tão deshumano.

A um mal tão deshumano
Resistamos com valor ;
Seja a cruz nosso estandarte,
Seja Deos nosso penhor.

Até amanhãa.

* O original diz assim :
Não he de todos os santos.

Communicado.

PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA.

Evangelho de S. Matheus cap. 4.

O Espirito Santo conduzio Jesus Christo ao deserto para o expor a tentação do demonio. A solidão, na qual o Filho de Deos se demorou entre as feras conserva ainda hoje o nome de *deserto da quarentena*. Depois de um inteiro e constante jejum por espaço de 40 dias e 40 noites, o Redemptor sentio fome, e foi esta fraqueza a que deu motivo dese-lhe aproximar o demonio ; que posto olhasse aquelle jejum, como acima das forças humanas, com tudo de debilidade em que via o Salvador, lhe fazia suppor que não seria o Filho de Deos. Elle se aproximou emfim, debaixo da figura humana, e presentando-lhe duas pedras, o convidou para que se fosse o Filho de Deos, as mudasse em pães, e com elles se restabelecesse do abatimento a que o jejum o havia reduzido.

Se elle as convertesse em pães (a usava comsigo) he um signal infallivel de que he Deos ; se não as converte opprido pela fome, como elle se acha, he uma prova de que o não pode fazer, e por consequencia a Divindade não existe nelle : que o homem não vive só do pão, mas de tudo aquillo que Deos quizer e mandar que lhe sirva de alimento.

Esta resposta illudio o racionio do tentador e não lhe deu motivo para poder ajuizar, se Jesus Christo era ou não Filho de Deos. Vendo porem que o Redemptor o embaraçava, respondendo-lhe com os livros Santos, procurou ainda arrancar-lhe o Segredo por diverso caminho, e citou tambem outra passagem da Escriptura, mas com um sentido falso. Elle o transportou ao Templo de Jeruzalem affastado do deserto (segundo alguns) onze, ou quasi doze legoas, collocou-o sobre o pinaculo do Templo, como o lugar mais elevado, e propôz-lhe : Que se era o Filho de Deos, se lançasse daquella eminencia abaixo, porque não tinha que temer, uma vez que a Escriptura em um dos psalmos diz que o Senhor havia determinado aos seus anjos, que velassem sobre a conversão do Filho de Deos recebendo-o em suas mãos, para que nem de leve offendesse o seu pé na mais pequena pedra.

Esta passagem do pslamo promette aos judeos a proteção do Céo, mas não promette ao imprudente, e ao temenario que de propria vontade, e sem razão sufficiente se expõe ao perigo, porque he isto o que a Escriptura prohibe, e he isto o que se chama tentar á Deos.

Era torcendo este sentido da Escriptura que o demonio ousava citalo a Jesus Christo. O Salvador de mundo sem dar-se a conhecer, e como se elle não fosse mais do que um simples crente, destruio esta segunda tentação allegando outra vez a Escriptura que prohibe aos homens ao Senhor seu Deos, isto he, esperarem soccorros extraordinarios, quando podem empregar por si mesmos os meios humanos que estão em suas mãos ; como querendo dizer-lhe : que havendo no pinaculo do Templo uma escada para descer, não deveria quem la estivesse lançar-se abaixo confiado temerariamente que a Providencia o salvaria.

O demonio não insistio mais neste principio, porem elle empregou ainda seus ultimos subterfugios, isto he, a esperança da mais alta fortuna que podesse lisongear um coração ambicioso. Transportou o Filho de Deos sobre um monte, mostrou-lhe todos os reinos do mundo, fez-lhe ver em um momento por figuras e imagens que lhe tração no ar, (segundo S. Gregorio) todo o esplendor que os acompanhava e prometteu-lhe tudo como se fora senhor absoluto ; mas debaixo da condição de que Jesus Christo o reconhecesse cheio de poder e de soberania lançando-se-lhe aos pés e adorando-o.

O Filho de Deos o denominou então *Satanaz* (palavra que significa inimigo dos homens) e lhe disse : vai-te porque esta escripto : adoraras ao Senhor teu Deos e não serviras senão a elle.

O demonio desappareceu immediatamente, e os anjos expectadores do combate e da victoria de Jesus Christo, o rodearam e o serviram.

O demonio firmou as suas tentações sobre tres motivos poderosos, 1º. era fazer com que se satisfizesse uma grande necessidade ; o 2º. era que se contentasse uma grande curiosidade ; o 3º. era conduzir a idolatria. Estas tres tentações encerram as tres fontes principaes de todos os peccados ; a concispucencia da carne ; a curiosidade do esprito ; o orgulho do coração.

Uma das razões por que Jesus Christo habitou algum tempo o deserto foi (segundo alguns Padres) para santificar a solidão que devia ser o refugio de tantos justos, contra o perigo que se acha na sociedade dos homens. O numero emfim de 40 dias e 40 noites que Jesus Christo passou no deserto, he um numero mysterioso empregado muitas vezes na Escriptura e que (segundo Santo Agostinho) exprime toda a carreira da vida que deve ser destinada a penitencia e a expiação dos peccados.

Estamos portanto no tempo de approveitarmo-nos dos meios que o Evangelho nos recommenda como um efficaz remedio aos nossos males ; e ja que encetemas a primeira dominga da Quaresma ; appliquemos uma hora do dia em profunda oração e sincera mortificação ; façamos subir ao Céo nossas supplicas humildes afim de que o Deos da Clemencia, se amercie de nós na crise lamentavel em que nos achamos vindo um flagello com todo seu furor ceifando entre nós tantas vidas.

Leitura para senhoras.

COMO HE QUE SE AMA

Por Estevão Enault.

I

Junto da Cité Riverin fica um oasis de verdura perdida na parte sombria e lodosa da rua de Bondy em Paris. Quem passa as duas grades de ferro, que assemelham-se a portas de prisão, e o desfiladeiro entre dous muros elevados, que torna-se ameaçador, ve logo a' esquerda uma longa fileira de casas de modesta apparencia, cortiços de trabalhadores, cujos alveolos dão para um ceo vasto, e a' direita bellos vergeis, cujas arvores de magnifica opulencia lançam suas cupolas de folhagem até a altura dos sumptuosos palacios de que dependem.

Em 183... a familia Delvecourt habitava no quarto andar de uma casa dessa Cité um aposento ornado com extrema simplicidade, mas tratado com maravilhoso cuidado. Ahi haviam alguns moveis de nogueira tão bem tratados e polidos, que reluziam como espelhos. As chamines tinham ordinariamente por unico adorno as mais frescas e mais simples flores da estação em jarros de pó de pedra. As janellas carregadas de caixas verdes pregadas a' parede estavam graciosamente arreiadas de chagas, clematites, e campainhas, através das quaes a vista pairava sobre o amphitheatro verdejante. Toda essa bella disposição parecia revelar a presença de alguma boa fada que com o toque de sua varinha se comprazia em produzi-la, ou de alguma mecinha cuidadosa e gentil, que tinha por mais agradavel occupação embellecer e poetisar esse humilde asylo.

Dizem que não ha mais fadas ; porem ainda ha donzellas, o que he a mesma cousa. Suzana Delvecourt era com effeito a fada desse florido domicilio, linda fada de dezaseis annos, esvelta, branda, e um tanto delgada, de grandes olhos negros, bellos cabellos ondeantes, e rosto tão alvo e tão rosado que os passarinhos, quando por acaso ella scismava a janella, tomavam-na por uma flor, e vinham sem susto picar os grãos de reseda'. He verdade, que então Suzana ficava immovel, retendo a respiração pelo receio de espantar os hospedes cantores de seu jardim suspenso. Amava muito os passarinhos ; por isso nunca tinha nenhum em gaiola : Suzana era de bom coração.

Os passarinhos e as flores não eram os unicos amores de nossa linda fada ; amava tambem a mãi, a qual não era a vil Urgele, mas uma mulher boa e digna, viuva de um empregado de administração, que tendo por infelicidade fallecido seis mezes antes do tempo necessario para ser reformado, não deixara a mulher e a filha outros meios de subsistencia que sua boa reputação e seu trabalho, o que basta sempre para viver. Mas felizmente madama Delvecourt, posto que de saude mui debil, era corajosa, e a graciosa Suzana era um verdadeiro *dragão*. Emquanto a mãi illuminava mais gravuras de moda, e insipidas devisas de confeiteiros, a filha bordava com infatigavel intrepidez, com prestigiosa agilidade, e a mais bella flora nascia debaixo de seus dedos delicados como aos raios do sol.

Todo esse trabalho não teria talvez bastado para faze-las viver commodamente se não fora a participação de um mancebo que não era tambem o principe Myrtil ou o feiticeiro Merlin ; mas que habitava o mesmo aposento que a fada Suzana e sua mãi. Esse rapaz era Theodulo, sobrinho de madama Delvecourt, orphão que ella criara, e considerava como seu proprio filho. Theodulo era empregado em uma casa de commissão, e seu ordenado escrupulosamente reunido aos ganhos da familia, com unha uma receita que permittia fazer pequenas reservas para o futuro. Só as formigas he que são previdentes.

Entretanto uma cousa não fora sem duvida prevista : isto he, que vivendo debaixo do mesmo tecto, em deliciosa intimidade, em affectuosa communhão de esforços para vencerem a miseria imminente, jovens, bellos, e bons, Theodulo e Suzana se amariam. De facto amavam-se, e seu amor tranquillo, brando, e profundo só esperava um motivo para lançar-se até a dedicação. Theodulo se teria feito retalhar por amor de Suzana, e alias nunca lhe dissera que amava-a. Suzana teria sacrificado tudo a Theodulo, e alias nunca lhe sorrira com mais expressão do que a todos. Todavia ambos sabiam que podiam contar com uma affeição sem limites, com um amor ardente até a paixão.

Quando a intimidade não engendra a tibieza do habito faz nascer os sentimentos mais robustos e mais vivazes. Esses sentimentos conservam-se muitas vezes occultos no fundo do coração ; mas então tem como a violeta um perfume que os revela.

Não custava a madama Delvecourt sentir esse perfume de amor, e um dia com sua ternura habitual, ella disse aos filhos :

— Creio que Theodulo e Suzana não desgostariam de se verem casados ? Aquelle que pensar o contrario, levante a mão.

Por toda a resposta Suzana abraçou a mãi com effusão. Theodulo empallideceu de alegria.

— Bem ! tornou madama Delvecourt sorrindo ; as partes estão perfeitamente de accordo. Então concordamos desde ja em que quando Suzana tiver dezasete annos, isto he, daqui a quatro mezes, Theodulo será seu marido.

Theodulo apertou fortemente as mãos de madama Delvecourt, e sempre pallido, de olhos humidos e de fronte radiante, respondeu com uma emoção que não podia conter :

— Ah ! minha tia, se Vmc. soubesse quanto amo-a !

— Bem o sei, Theodulo. Minha Suzana será feliz comtigo ; pois tens nobre coração.

Suzana, quiça pela primeira vez, fitou no primo um olhar que reflectia toda a sua alma, e disse com accento ineffavel :

— E eu tambem procurarei fazer-te feliz, Theodulo ; pois bem o mereces !

Theodulo e Suzana estavam dahi em diante desposados. Sua vida continuou como d'antes, nem menos laboriosa, nem menos tranquilla ; sómente Suzana scismava mais tempo a janella de noite, e Theodulo dizia as vezes com um sorriso :

— Não sei porque, mas parece-me que o tempo tem se tornado lento. [illegible] izes, minha prima ?

— Pelo contrario, primo, [illegible] ondia maliciosamente a rapariga, acho [illegible] e elle tem se apressado muito.

II

Um domingo que a familia Delvecourt dispunha-se a partir para o campo, onde gostava de jantar bucolicamente sobre a relva, a sineta soou com violencia, e apenas Suzana abrio a porta, um homem lançou-se na sala com ar radioso, exclamando :

—Ah ! achei-lhes emfim, o ninho ! Bom dia, chara senhora, bom dia gentil Suzana, e a ti tambem, meu The... ah ! irra ! não lembro-me mais desse nome.

Saltou ao pescoço de madama Delvecourt, a qual por pouco não suffocou, abraçou resolutamente a rapariga, e apertou como em um torno a mão de Theodulo.

— Oh ! tornou recuando alguns passos, e cruzando os braços, Vmcs. não me reconhecem, a mim, Felippe Varnier, amigo do pobre Delvecourt, cuja morte contou-me um de nossos amigos communs que ha pouco encontrei ? Oito annos no Mexico mudaram-me a tal ponto ? Vmcs. fazem-me desesperar !

Essa entrada repentina atardira um pouco a madama Delvecourt, a qual ficara um momento pasmada ; mas reconhecera perfeitamente a Felippe Varnier, cujas maneiras vivas e cordiaes bastavam para da-lo a conhecer. Suzana e Theodulo o tinham tambem reconhecido logo.

Era um gaiato de trinta e seis a quarenta annos, de semblante bello e franco, corpulento, de ventre um tanto redondo, e dotado de muita viveza e jovialidade. Partira para o Mexico oito annos antes ; e voltava o mesmo com a unica differença de que trazia da liquidação de seu commercio mais de duzentas mil piastras, das quaes estava quasi totalmente desprovido, quando partira para a America. Essa carga não diminuira-lhe o bom humor.

Suzana apresentou-lhe uma cadeira, e convidou-o a assentar-se.

— Oh ! não ! disse elle. Vmcs. vão sahir, e não quero demora-las. Tornaremos a vernos, pois declaro-lhes que hei de vir muitas vezes importuna-los. Tenho esse direito, porque amava muito o excellente Delvecourt, e pretendo ser sempre amigo da familia. Terão Vmcs. a crueldade de recusar-me isso ?

— Não, meu charo senhor Varnier, respondeu madama Delvecourt sorrindo. Sempre que Vmc. vier visitar-nos, será bemvindo. Lembro-me ainda de que era outr'ora nosso incitador.

— Um verdadeiro diabo a quatro ! Pois bem ! mudei : bom pé, boa lingua, bom estomago, e bom coração de contrapeso, permitta-me o comprimento. Ah ! a vida não he tão longa, e perde o tempo quem se affige !... Mas Vmcs. dispunham-se para sahir e vou-me.

— Oh ! não temos pressa, disse Suzana, iamos jantar sobre a relva no campo.

— Ah ! de veras ? he bella cousa ! Conservei tambem o gosto desses recreios, a despeito dos tolos que zombam disso. Lembra-se, chara senhora, das nossas alegres excursões sobre as margens do Marne, e nos bosques de Ville de Avray ? Ja faz muito tempo, Suzana... eu devia dizer agora senhora Suzana...

— Sou ainda Suzana simplesmente para os amigos de meu pai, interrompeu a moça com graça exquisita.

— Pois seja Suzana, tornou Varnier alegremente, Suzana não era então maior do que minhas botas, mas promettia ja ser o que he, uma bella rapariga ! Oh ! não core, minha filha, direi somente isso, não gosto de finezas. Demais he aos moços que toca fazer bellos comprimentos as moças, não he verdade Theodulo ? Ah ! acertei ! Theodulo he lindo nome ! Mas ha oito annos que não o pronuncio, e mereço desculpa por te-lo esquecido um pouco, tanto mais porque custa-me a reconhecer neste rapagão o diabrete de quatorze annos que ganhava-me sempre nos duplos saltos de corda, visto que nunca pude dar senão saltos simples.

— Com effeito Vmc tinha a bondade de folgar comigo, respondeu Theodulo ; por isso conservei-lhe uma de minhas melhores lembranças.

— Ah ! ah ! muito estimo. Gosto da gente moça. Aperte esta mão : havemos de saltar ainda. Entretanto lancem-me pela porta fóra, do contrario nunca me irei.

Todos quatro rebentaram de rir.

— Se eu julgasse que podia ser-lhe agradavel, disse madama Delvecourt, dir-lhe-hia sem ceremonia : Venha comnosco, senhor.

— Se eu não receiasse ser muito importuno, responderia: Isso mesmo he que eu quero, senhora.

— Pois bem ! tornou Suzana, não receiem nada, nem um nem outro, e fiquemos concordes a esse respeito.

— Então aceito com intrepidez, exclamou Varnier. Ah ! os amigos são sempre amigos, e viva a alegria ! Vamos.

Quando desceram, um pagem, vendo Varnier que ia adiante, abrio a portinhola de uma elegante caleça, que estava á porta. Varnier estendeu galantemente a mão a madama Delvecourt estupefacta e fê-la subir quasi a força ; Suzana e Theodulo, não menos espantados, subiram depois.

— Onde vamos ? perguntou Varnier sorrindo pela sorpreza de seus tres amigos. Foi obrigado a repetir a pergunta.

— A Saint Maur, respondeu Suzana.

III

A caleça passou o desfiladeiro, cujos muros humidos e arruinados, admirando muito verem-se costeados por uma bella carruagem, pareceram inclinar-se para sauda-la com gratidão, o que podia dar cuidado pelo seu equilibrio.

Quando chegou ao passeio publico foi que madama Delvecourt tornando a si da estupefacção, dirigio a Varnier algumas palavras misturadas de censuras e de desculpas :

— Vmc não nos tinha dito... Se eu tivesse sabido... jamais te-lo-hia convidado... Os prazeres simples do pobre não podem mais convir-lhe... e as bellas carruagens não nos assentam.

Theodulo e Suzana guardavam o silencio ; sentiam uma oppressão vaga.

Quando a gente esta affeita aos habitos de uma existencia humilde, tudo o que induz a afastar-se repentinamente delles um instante causa sempre mais pena do que prazer. Parece que tememos achar menos doces depois os costumes modestos abandonados por acaso.

Varnier comprehendeu o que passava-se secretamente no coração de seus amigos, e fez prodigios de jovialidade, para dissipar a nuvem que os assombrava. Conseguio maravilhosamente o que queria, e antes de chegar a Vincennes já a familia estava familiarisada com o seu brilhante vehiculo. Madama Delvecourt gabava a brandura dos coxins, Theodulo admirava a desenvoltura dos cavallos, e Suzana confessava que uma caleça tinha decididamente melhor ar do que um *coucou* (1). Quanto a Varnier, declarava com sua alegria inexgotavel que mais de uma condessa, baroneza, ou marqueza fazia menos honra do que Suzana a uma carruagem.

— O que he a riqueza ! dizia elle rindo de si mesmo. Ha oito annos que eu era quasi pobre como Job ; veio-me a phantasia expatriar-me, e graças a algumas operações atrevidas coroadas de insolente exito, volto milionario sem valer muito mais que dantes, e o que he talvez mais raro, sem valer muito menos ; perdoem-me ainda este comprimento. Bofe ! não estou desgostoso, se sobretudo, isso pode dar-me o verdadeiro prazer de ser util aos meus velhos conhecidos.

Todos apearam-se sobre a margem do Marne perto do aqueducto de Saint Maur, e passearam pela ribanceira á sombra dos salgueiros e dos alamos sobre a relva rasteira e florida. Varnier dava cortezmente o braço a madama Delvecourt, ao passo que Suzana viva e graciosa como uma gazella corria adiante colhendo flores e folgando com Theodulo, o qual não podia eximir-se de uma preoccupação penivel e mysteriosa. Varnier admirava ambos.

Era um dia delicioso, o sol filtrava sua luz através das nuvens de prata, e fazia ondear a larga fita de agua que passava entre os lyrios e os caniços. A brisa fresca e perfumada entumecia graciosamente as velas latinas das chalupas que vagavam sobre o Marne. Era para fazer morrer de desejos de passear em batel. Varnier alugou um, no qual desceram até Champigny, onde jantaram alegremente sobre a relva a sombra de uma grande nogueira. Jantar frugal que nosso milionario delicado temeu corromper tornando-o mais sumptuoso.

Quando voltaram para Saint Maur, o sol começava a aninhar-se na folhagem do bosque de Vincennes, e somente dardejava raios enfraquecidos. Era a hora em que toda a jovialidade foge para ceder o lugar a um sentimento de meditação irresistivel. Suzana e Theodulo, assentados um junto do outro no batel, estavam contentes e pensativos. Madama Delvecourt guardava o silencio, e Varnier, embora pouco inclinado ao sentimentalismo, parecia experimentar a influencia da doce melancolia espalhada na natureza.

Repentinamente o bateleiro, que era novato, e que Varnier fizera beber muito em Champigny, lança uma jura fulminante. Tinha-se mettido entre as plantas aquaticas e não podia mais sahir. Meio embriagado e furioso elle da uma remada que faz inclinar o batel. Esse movimento subito faz os nossos quatro personagens penderem para um lado, e o batel revira-se no meio das plantas.

O perigo era verdadeiramente terrivel. Theodulo voltou a flor da agua pallido e espantado, interrogou com um olhar rapido a superficie esverdinhada, e vio que Varnier e o remeiro tinham ja segurado madama Delvecourt, e procuravam salva-la.

— E Suzana ? murmurou elle com angustia. Não vejo Suzana !

Em poucas braçadas rodeou o batel, cuja quilha não estava inteiramente submergida ; porem nada achou. Mergulhou debaixo das plantas aquaticas com a energia do desespero, correndo o risco de ficar lá preso, e duas vezes reappareceu sosinho, cansado, aterrorisado, mas ainda não desalentado.

E no meio dos grandes perigos que manifestam-se as grandes affeições. Theodulo teria derramado todo o seu sangue gota a gota para salvar a Suzana. Mergulhou terceira vez ; mas um minuto — um seculo — passou-se sem que elle voltasse a superficie. Varnier e madama Delvecourt tinham ganhado a ribanceira com muito trabalho, e esperavam com frio terror, com sombrio desespero. O bateleiro, tornando a si pela imminencia do perigo que correra, ia lançar-se corajosamente a agua, quando Theodulo reappareceu nadando com uma mão, e apertando convulsivamente com a outra uma dobra do vestido de Suzana. Depondo sobre a margem a rapariga sem sentidos, elle desmaiou.

Uma hora depois a caleça conduzia Varnier e a familia Delvecourt pela estrada de Paris. Suzana tendo a fronte inclinada sobre o hombro da mãi e os olhos extinctos, apenas dava alguns signaes de vida ; Theodulo, um tanto restabelecido de seus rudes abalos, tinha entre as mãos uma mão da prima, e procurava communicar-lhe o ardor vital que restava nelle. Varnier tristemente recostado em um canto da carruagem contemplava-os com singular mistura de sollicitude e de preoccupação, e disse comsigo :

— Jovens e bellos, amam-se sem duvida. Que pena !

IV

Suzana ficou muito tempo doente. Madama Delvecourt e Theodulo passaram as noites a cabeceira de seu leito. Mas apenas a rapariga entrara em convalescencia, a mãi esgotada cahio de cama. As preciosas economias da familia foram devoradas em poucos mezes, e Varnier fez offerecimentos de serviços que foram aceitos.

Era excellente homem esse Varnier apezar da sem ceremonia que affectam tantas pessoas de má educação e de má companhia que passam por *bons meninos*. Em geral deve-se desconfiar desses bons meninos : são a especie mais grosseira e ao mesmo tempo a mais venenosa, são a peior especie de reptis.

Varnier era a excepção da regra. Amára sempre a familia Delvecourt, a qual quando elle era simpes obreiro em casa de um ourives, recebia-o com perfeita cordialidade. Sua affeição desenvolvera-se consideravelmente nesses tres mezes ; não passava um dia sem vir saber noticias de Suzana e da mãi. A Cité Riverin chegava toda as janellas e ás portas, quando as vezes elle chegava em caleça, e as más linguas fallavam ja como nas cidades pequenas de provincia.

Uma tarde Varnier achou somente madama Delvecourt assentada a janella de sua alcova em uma poltrona. Suzana acompanhada de Theodulo fora entregar obras ja esperadas. Quando voltaram, temendo acordar a doente que podia ter adormecido durante sua ausencia, abriram a porta com precaução, e atravessaram sem rumor a sala de jantar. Suzana ia já entrar na alcova da mãi, quando Theodulo reteve-a repentinamente. Acabava de ouvir algumas palavras que tinham-no impressionado como uma corrente electrica.

— Ah ! se elles não estivessem desposados, chara senhora, eu lhe diria : Dê-me Suzana, prometto faze-la ditosa, e a Vmc. tambem.

Theodulo reconhecera a voz de Varnier, e applicou o ouvido respirando apenas. Suzana escutava tambem involuntariamente.

— Esses pobres meninos amam-se tanto ! tornou madama Delvecourt. Elles jamais quereriam renunciar as suas esperanças de felicidade.

— Oh ! isso he mui natural. E alias quanto prazer teria eu em fazer Vmcs participarem de minha opulencia, uma opulencia de que não sei gozar ! pois sou um verdadeiro labrego apezar de minha caleça e de meu domicilio de fidalgo no bairro de Saint Germain. Ah ! como ficaria bem adornada essa querida Suzana com seu ar tão gentil e sua educação tão excellente ! Na verdade eu teria tratado com todo o mimo essa mocinha, e creio que com algum trabalho ella teria conseguido fazer de mim uma pessoa soffrivel, palavra de honra !

— Aprecio suas boas intenções, senhor Varnier, respondeu madama Delvecourt com expressão, e agradeço-lhe de todo o coração ; porem meu maior prazer será unir meus dous filhos ; pois amo a Theodulo quasi tanto quanto a Suzana, e estou convencida de que elles convem maravilhosamente um ao outro.

—He verdade. Pois bem, não fallemos mais a esse respeito ; retiro meu pedido. Theodulo he bom rapaz, merece a prima cem vezes mais do que eu, e muito me affligiria que elle fosse penalisado por uma idea tola que passou-me pela cabeça. Mas viva Deos ! já que não posso ser util a Vmcs. em outra cousa, ao menos fica entendido que serei sempre seu amigo dedicado.

— Nosso amigo ! nosso melhor amigo ! disse Suzana commovida apparecendo no liminar da alcova da mãi.

— Ah ! bem ! exclamou Varnier estupefacto. Ella escutava a porta, que horror !

Depois avistando a Theodulo que conservava-se grave e triste atraz de Suzana, accrescentou com alguma confusão :

— E elle tambem, que velhaco ! Estou mystificado, e sinto a necessidade de entrar cem pés para baixo da terra.

— Para occultar um bello movimento, uma bella acção ! disse Theodulo com voz penetrante. Oh ! não, senhor Varnier, Vmc. deve pelo contrario erguer a fronte ; porquanto essas cousas honram aquelles que as inspiram, e aquelles que as praticam. Demais he um nobre exemplo, acrescentou em tom mais baixo.

— Se Theodulo não fosse aquillo que mais amo no mundo depois de minha mãi, disse então Suzana com expressão affectuosa, ou não creria que me podesse confiar a ninguem melhor do que a Vmc., senhor Varnier, cujos sentimentos são tão nobres e tão dedicados. Affeição e reconhecimento de nossa parte jamais lhe faltarão, senhor.

— Vmc. he adoravel ! exclamou Varnier beijando a alva mãozinha que ella lhe estendia.

Depois que Varnier retirou-se, Theodulo apoiou-se ao cotovelo junto da caixa de flores da sala de jantar. Estava profundamente pensativo, o peito erguia-se-lhe opprimido, e duas lagrimas cahiram-lhe pouco depois dos olhos fitos no ceo.

— Se eu não fora, murmurou elle, minha prima seria rica, e sua mãi viveria na opulencia.

Ficou mais de uma hora mergulhado em uma preoccupação mysteriosa. Suzana veio bater-lhe brandamente no hombro, e perguntou com deliciosa gentileza :

— Em que pensas Theodulo ?

— Em ti, respondeu elle com voz alterada.

V

Depois desse momento não se tratou mais da declaração de Varnier, o qual não perdera um atomo de alegria, mas as vezes contemplava a Suzana com admiração, e murmurava sorrindo : « Que pena ! »

Só Theodulo não era o mesmo. Seu exterior sereno e brando que occultava todo o ardor da affeição, modificara-se sensivelmente, a distracção e o abatimento manifestavam-se por instantes, como se secretas e fataes influencias se exercessem sobre seu coração.

Suzana reparou uma noite que elle voltou para a casa com ar absorto, e perguntou-lhe com sollicitude :

— Que tem vossê, Theodulo ? Parece-me que desde alguns dias vossê tem um pezar secreto ?... Não quer que eu o console, meu primo ?

A esse accento cheio de affectuosa melodia, Theodulo sentio derreter-se-lhe o coração, e teve vontade de chorar.

— Oh ! falle ! tornou ella.

Elle contemplou-a com dor, e respondeu meneando a cabeça :

— Não tenho nada.

— Ah ! não negue ! replicou Suzana com viveza. Bem vejo que vossê padece, e ha de dizer-me já o que o atormenta. Assim o quero !... supplico-lhe !...

A rapariga pronunciou esta ultima palavra com ternura inexprimivel e pondo as mãos.

— He um sonho ! uma menenice ! respondeu Theodulo com embaraço. Parece-me que uma desgraça ameaça-me, tenho vagos presentimentos, e como todos os meus pensamentos referem-se a vossê e a sua mãi, digo a mim mesmo que eu seria mui digno de lastima se as perdesse. Eis ahi tudo.

— Que idéa ! disse Suzana com sorpreza. Mas não ha razão para receiar tal acontecimento : minha mãi vai cada vez melhor, e eu tenho boa saude.

— Bem vê que he um sonho, uma menenice de que eu não devia fallar-lhe, e que espero se dissipará brevemente.

Suzana não ficou completamente satisfeita, porem não ousou pedir mais.

Quando quiz recolher-se ao quarto, Theodulo abraçou a tia muitas vezes ; depois voltou-se para a prima, e contemplando-a com ar singular, estendeu-lhe a mão, mas tomando logo outra resolução, disse com melancolia :

— E vossê Suzana, não permitte que eu abrace-a tambem ?

— Não, meu primo ; brevemente quando formos casados, respondeu ella.

Theodulo empallideceu, e pareceu tão affectado que a boa Suzana acrescentou apresentando-lhe a face cor de rosa assetinada :

— Ah ! meu primo, tome sempre por ora.

Theodulo tocou-lhe com os labios tremulos.

— E esta, meu primo ? disse Suzana offerecendo-lhe a outra face. Não convém faze-la ter ciumes.

Theodulo ahi depoz um beijo e uma lagrima.

Suzana apezar do arzinho resoluto que quizera tomar, ficára vermelha como as chagas que floreciam em suas janellas.

Fechado em seu quarto, Theodulo escreveu duas cartas, e depois lançou-se vestido sobre a cama.

Quando rompeu a aurora, elle não tinha ainda fechado os olhos ; mas parecia ter soffrido e chorado muito. Levantou-se sem rumor, percorreu com um olhar triste o aposento querido que até então abrigara seus pensamentos de amor e seus sonhos de ventura, depois sahio brandamente, atravessou a sala de jantar, e parou a porta da alcova da tia.

Essa porta estava entreaberta. Elle avistou vagamente á pallida claridade da manhãa o semblante doentio de madama Delvecourt, e o rosto tão fresco e tão delicado de Suzana.

Poz a mão sobre o coração que palpitava a quebrar-lhe o peito, e cahio de joelhos.

— Ah ! Suzana ! Suzana ! murmurou elevando as mãos, compaixão ! Quanto te amo, Suzana !

Ficou um momento assim tendo o espirito abatido, e o coração partido de dor ; depois levantando-se com ar resoluto, disse entre soluços suffocados :

— Adeos ! adeos !

E sahio precipitadamente.

Poucas horas depois chegou Varnier. Suzana estava occupada com o serviço domestico, bem como convém á fada da casa.

— O que he que o traz aqui tão cedo ? perguntou ella.

— Quero fallar a Theodulo. Tenho um emprego magnifico que propor-lhe.

—O preguiçoso está sem duvida ainda na cama, disse a rapariga elevando maliciosamente a voz para que o primo a ouvisse. Va reprehende-lo, meu charo senhor, e dizer-lhe que são quasi oito horas.

Varnier entrou no quarto de Theodulo, e sahio logo commovido, trazendo duas cartas na mão uma dirigida a elle, outra a

(1) Carruagem grosseira de quatro ou seis assentos usada nos arredores de Paris.

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO MUTILADO

Susana. Esta, tremula e opprimida, abrio a sua, e leu o seguinte :

« Minha prima,

«Quem ama, segundo o meu coração, está prompto para muitos sacrificios. Não devemos amar para nós mesmos, e tendo em vista nossa propria felicidade ; mas no interesse da felicidade da pessoa que nos he chara. Assim he que se ama ! Amar de outra maneira he ter alma estreita e egoista, he não sentir o verdadeiro amor !

« Eu antes quizera ficar sepultado debaixo das plantas do Marne do que renunciar a reconduzir-te a ribanceira. Terei tambem a coragem de fugir de ti para não impedir-te de aproveitar a fortuna que te sorri, e que te estende os braços. Dizem que a fortuna apresenta-se sempre uma vez no decurso da vida ; convem saber apoderar-se della. Conheço-te, querida Susana, e sei que por minha causa regeitarias a mais brilhante opulencia. Mas devo aceitar esse sacrificio ? Não; por que quero mostrar-me digno de ti !

« Se eu não tivesse podido apreciar Mr. Varnier, teria sem duvida hesitado em minha resolução ; porquanto não creio que a riqueza compense jamais para quem a recebe os tormentos causados pelo mau espirito de quem a da. Mas Mr Varnier he tão franco e tão leal, que aquella que unir seu destino ao delle núnca terá de padecer em sua susceptibilidade, em sua delicadeza. He o que me decide, e me consola um pouco.

« Alem disto és tão delgada e tão mimosa, querida prima, que o trabalho a que te applicas ameaça alterar-te a saude. Necessitas de uma existencia sem cuidados e sem esforços, a existencia das flores que são cultivadas, expostas ao sol, e abrigadas do inverno. Tua pobre mãi necessita tambem da abastança que teve em parte outr'ora. Essa doce influencia lhe restituirá sem duvida as forças, assim como o tepido calor aviventa uma planta que definha.

« Aceita pois meu sacrificio assim como o faço, com coragem. Não te afflijas nem me lamentes muito. Resigno-me dizendo comigo: algum dia Susana e a mãi me bendirão por que as terei feito ditosas.

« Abraça ás vezes minha tia por mim, e conserva um lugarsinho em teu coração. Adeus !

Theodulo.

A carta dirigida a Varnier continha somente algumas palavras Theodulo recommendava-lhe que fizesse todos os seus esforços para decidir Susana a casar com elle, e supplicava-lhe que fosse sempre inalteravelmente bom para com ella e para com a mãi.

Havia nessas duas cartas uma serenidade de expressões, um recato de sentimentos, atraves dos quaes todavia sentia-se transpirar a mais pungente magua. Theodulo esforçára-se por conte-la para não communicar um enternecimento mui doloroso. O pobre rapaz tinha todo o heroismo da abnegação.

Susana chorava, a mãi chorava tambem ; Varnier, cuja fibra lacrimal não era mui sensivel, devorava uma lagrima com esforço.

— Que louco !... exclamava elle.... He deploravel o que acaba de fazer !.... he sublime de dedicação ! Quero dizer, não, isso não tem sombra de senso commum ! Se eu o apanhar dar-lhe-hei metade de minha riqueza para elle casar com a boa Susana, tão certo como chamo-me Varnier. Corro a informar-me por toda a parte, e hei de traze-lo aqui !... Sim, hei de traze-lo! do contrario não me apresentarei diante de Vmcs., palavra de homem !

Sahio deixando estouvadamente a madama Delvecourt e a filha profundamente afflictas, mas entrevendo já um clarão de esperança.

Varnier fez esforços inauditos para achar a pista do fugitivo. Depois de um mez de vães pesquizas dirigidas em todos os sentidos, voltou á Cité Riverin, e disse com sincera pena :

— Quebro minha promessa, volto sem Theodulo. Julguei muitas vezes alcança-lo, quer em Marselha, quer em Brest, quer em Londres ; mas conhecia depois que aquelle, em cujo encalço eu ia, confiado em algumas informações plausiveis, não era Theodulo. Começo a desesperar.

Todavia fez ainda algumas pesquizas, mas estas não tiveram melhor exito, do que as primeiras. Foi então que quiz tentar o que recommendava-lhe Theodulo na carta de despedida. Não era cousa facil. Susana e a mãi estavam inconsolaveis ; mas elle mostrou-se tão perseverante, tão nobre e tão bom, que madama de Delvecourt e a filha consentiram por fim em que não ficasse inutil o sacrificio do pobre Theodulo.

Obra de seis mezes depois Susana casava com Varnier.

Mais de uma vez nesse dia, máu grado della, os olhos encheram-se-lhe de lagrimas enquanto procurava sorrir aos convidados.

VI.

Decorrido bastante tempo, um homem de trinta annos, triste e pallido passava lentamente o desfiladeiro da Cité Riverin, lançando os olhos em torno de si com certa curiosidade expressiva, e sorrindo melancolicamente a vista de alguns muros que ameaçavam ainda ruina, porem que não pareciam mais cahidos que outr'ora.

— Elles ficarão assim mais tempo do que eu, murmurou elle meneando a cabeça.

Chegando a uma rua de casas que alinham-se modestamente, por traz de quatro ou cinco bellos palacios, parou diante de uma dellas, contemplou-a um instante com interesse inexprimivel, e depois entrou sem perceber que era seguido.

— Vmc tem um aposento para alugar ? perguntou elle ao porteiro em tom levemente commovido.

— Sim, senhor, respondeu com distracção um velho assentado em uma poltrona forrada de velludo de Utrecht ; mas he muito tarde para ve-lo. Volte amanhãa.

— Onde fica o aposento ? perguntou o interlocutor.

— No quarto andar, na frente , uma sala, duas alcovas e uma cozinha, mobilhadas. Posso ceder-lhe a mobilia se quizer.

— He o domicilio de madama Delvecourt? tornou o interlocutor com maior emoção.

O velho porteiro, estranhando esse tom animado, ergueu o nariz magestosamente adornado de oculos, e fitou um olhar de diplomata sobre o singular personagem que lhe fallava. Immediatamente sua physionomia exprimio a hesitação, a duvida, e elle exclamou :

— Oh ! he ao senhor Theodulo que tenho a honra de fallar ?

Com effeito era Theodulo. Chegava de Londres, onde depois de alguns annos de trabalho incessante, unica distracção para profundos enfados, ajuntara modestas economias, com as quaes esperava viver dahi em diante humilde e tranquillamente em Paris. Sua saude abalada pelas fadigas e pelo pezar assim o exigiam.

— Sim, sou Theodulo, disse elle, Vmc. reconhece-me ?

Oh ! oh ! respondeu o porteiro.... um tanto mudado, um tanto pallido, um tanto magro !.... Mas donde vem agora Vmc. que foi procurado por toda a parte sem ser achado ? O bom Mr. Varnier correu em sua procura dous mezes pelo menos.

— Que digno homem !

— Oh ! sim, um digno homem ! continuou o porteiro. Emfim quando elle vio que Vmc. não voltava casou com a senhora Susana, a qual he agora uma mulher elegante, e nem por isso ficou mais altiva.

— Ella vive feliz, não he verdade ?

— Assim o creio ! tem uma habilitação magnifica no bairro de Saint Germain, uma bella equipagem, e os melhores vestuarios de Paris. Como isso lhe assenta gentilmente ! he uma verdadeira joia ! Devo dizer-lhe que ha mais de um anno que não a vejo nem tenho noticias della porque viaja com o marido e a mãi, essa chara madama Varnier.

« Madama Varnier ! » Theodulo suspirou involuntariamente ouvindo pronunciar esse nome. Nunca a chamara senão Susana.

—Mas tudo isso não impede-me alugar-lhe seu antigo domicilio, se Vmc. assim o deseja, continuou o porteiro. Elle acha-se quasi no mesmo estado que antigamente.

— Com os mesmos moveis ? perguntou Theodulo admirado.

— Com os mesmos, charo senhor. Deixando a casa, madama Delvecourt e madamesella Susana os deram a uma pobre familia, que queria comprar-lh'os. Essa familia retirou-se para uma provincia, e estou encarregado de vender os moveis.

— Quero compra-los! exclamou Theodulo. He a mim que elles devem pertencer ! São minhas lembranças ! representam toda a felicidade de minha vida. Ah ! accrescentou com uma especie de exaltação, de-me a chave desse aposento tão sagrado para mim. Estou ancioso por achar-me no meio do humilde asylo que tanto amava !

O velho porteiro não recusou o que elle pedia, e Theodulo subio em poucos segundos os quatro andares.

Foi com leve estremecimento que abrio a porta, e com fortes palpitações de coração que entrou no antigo domicilio de sua familia, como se tivesse de encontra-la nesses lugares.

Passou rapidamente de alcova em alcova como se quizesse abraçar todo esse aposento com um só olhar ; depois percorreu-o novamente a passos lentos contemplando com attenta curiosidade e viva emoção, cada peça da mobilia vagamente illuminada pela claridade da noite.

Com effeito estava tudo na mesma ordem que outr'ora.

—Sim, dizia Theodulo com melancolia, eis aqui a poltrona em que assentava-se madama Delvecourt, chara doente que sem duvida recobrou a saude sob a influencia da riqueza !.....

« Eis aqui o vasto leito em que repousava Susana e a mãi, onde vi-as dormindo quando eu separei-me dellas ! Cruel esforço !....

« Junto dessa mesa a nobre moça bordava noite e dia, e eu passava a seu lado os mais deliciosos momentos. Ah ! eu amava-a tanto !

« Torno achar ainda nestas janellas as caixas de flores que Susana cultivava. outras não as cultivaram depois. Por isso raras chagas brotão como com pesar »

Colheo algumas, respirou-lhes o vago perfume Depois entrando na outra alcova:

—Salve, meu quartinho, confidente discreto de minhas primeiras esperanças, de meu primeiro e unico amor, salve ! Muitas vezes para te enfeitar Susana despojava seu cestinho ! Por isso eu te teria preferido então as habitações mais sumptuosas Quanto era feliz?

Cruzou os braços sobre o peito, e continuou a contemplar com olhos humidos cada objecto desse domicilio, cuja physionomia fielmente conservada reflectia mil lembranças affectuosas ao coração de Theodulo.

Pouco depois foi assentar-se a uma das janellas que dão para os bellos vergeis dos arredores.

Anoite começava a estender-se, e as luzes vermelhas da Cité dispertavão ao mesmo tempo que as estrellas prateadas do firmamento. Só o mumurio das arvores brandamente agitadas perturbava o silencio.

Theodulo apoiou-se ao cotovelo em attitude pensativa tendo o rosto imclinado, e os olhos perdidos no espaço estrellado. Ficou assim alguns minutos immovel, mudo, absorto em um fluxo de sonhos alternativamente doces e amargos.

—Fiz bem em deixa-las, dizia elle as vezes; pois Susana e a mãi poderam gozar da felicidade na opulencia. Juntos teriamos talvez passado uma existencia cheia de privações e de tormentos : quanto eu teria padecido vendo-as soffrer ! Ah! he melhor assim !

Então via em um sonho consolador Susana e a mãi sorrierm-lhe com gratidão, e sentia-se recompensado.

Mas mudando logo a natureza de suas impressões, dizia comsigo meneando dolorozamente a cabeça:

—Quem sabe! talvez ja me tenhão esquecido ! ou quando lembrão-se de mim seja para estremecerem ao pensamento da humildade vida a que comigo terião sido condemnadas sem remedio. Dizem que a opulencia desecca o coração, e faz com que se tema a pobreza mais que tudo.

Então via a tia e a bella prima passarem diante delle no meio de um acompanhamento elegante, ricas, festejadas, e opprimindo-o com uma saudação desdenhosa.

—Ah! Susana! Susana! murmurou elle com voz lacrimosa, he possivel que não tenhas mais por Theodulo senão esquecimento ou desdem.

—Esquecimento ou desdem por ti ! disse uma voz penetrante atraz delle. Cruel amigo, quanto desconheces a Susana !

Theodulo deo um grito, e voltou vivamente a cabeça.

Em pé na meia escuridão do quarto estava uma mulher pallida e commovida. Essa mulher estava vestida de preto, e tão elegante e tão bella que depois de tel-a reconhecido a primeira vista, Theodulo duvidou que fosse Susana.

—Não me reconheces ! disse a mesma voz que fez Theodulo estremecer até ao fundo da alma.

—Susana! exclamou elle com louco accesso de alegria. Es tu mesmo, Susana, ou he um sonho, uma hallucinação? Não ! vejo-te, toco-te, sinto-te. Oh ! felicidade inesperada ! como he que ?....

—Avistei-te por acaso, reconheci-te, mandei uma pessa seguir-te, e sabendo que tinhas entrado nesta casa, corri logo aqui. . . . . Chego, accrescentou ella com alguma amargura para ouvir-te accusar-me de ingratidão ! »

Theodulo lançou-se aos pés de Susana exclamando com arrependimento.

—Ah ! perdo-me ! peadoa-me ! Como pude duvidar de teu coração ? Quanto era insensato !

Susana vendo que chorava inclinou-se para elle, e disse-lhe com ternura.

—Tranquillisa-te, Theodulo, eu te perdô-o.

—Obrigado, querida Susana, obrigado ! Torno achar-te sempre boa, sempre bella ! Oh ! ha momentos de alegria que valem uma vida inteira ! e eu morreria neste instante, prima, se se merresse de prazer !

—Mais do que nunca deves agora viver, primo ! disse Susana levantando-o com gracioso sorriso. Tudo o exige : minha mãi que ficara mui contente de ver-te, eu que amo-te como sempre, teu sacrificio que merece recompensa, e o futuro que parece convidar-nos afelicidade.

—Que queres dizer ? perguntou elle com admiração.

—Estou livre, respondeu Susana gravemente, livre ha um anno.

Tambem estas, Theodulo?

—Livre ! estas livre ? He possivel ? . E ainda me amas ?

—Se amo-te ! disse ella com graça adoravel. E a quem amaria eu senão te amasse ?

—Ah ! Susana ! Susana ! he embriaguez isso que sinto ! pois nunca amei senão a ti !

—Pois bem ! disse ella conduzindo-o para fora, vem abraçar tua tia ou antes tua mãi, a qual começava a desesperar de tornar a ver-te !

Ha poucos mezes, que Susana e Theodulo forão unidos.

No mesmo dia em companhia de madama Delvecourt elles fizerão uma romaria ao tumulo de Varnier.

Este morrera de congestão celebral. Instituira a Susana sua herdeira universal, e dissera-lhe antes de morrer.

—Minha filha, faze por achar a Theodulo, e se poderes, não tenhas outro marido senão elle.

Variedade.

OS OPERARIOS EUROPEUS.

Estudos sobre os trabalhos, a vida domestica e a condição moral das populações operarias da Europa, precedidas d'uma exposição do methodo d'observação :

POR M. F. LE PLAY,

Engenheiro em chefe das minas, professor de metallurgia na escola imperial das minas. Commissario geral da exposição universal.

Em um dos nossos numeros precedentes reproduzimos alguns fragmentos da importante obra de M. F. Le Play, commissario geral da exposição universal, sobre a situação moral e material das classes operarias da Europa. Esses importantes estudos, não obstante a sabia autoridade que lhes deveria dar um caracter exclusivamente serio, acham se contudo assignalados com um certo cunho de indulgencia e philantropia christãa, que os torna tão tocantes quão instructivos, e modifica, por esse que de ternura que jámais se esgota do coração humano—por mais que tenham feito os homens—, o que a experiencia prova de afflictivo, e o que a razão aconselha de severo em todo e qualquer estudo desta ordem. Descrever o mal e indicar o remedio, não he senão a primeira parte da posição do moralista bem como da do medico ; mas impedir que o mal reappareça, facultar meios de prevenir, e destruir o germen delle nas gerações esta além das obrigações da medicina e da philosophia ; pertence á hygiene publica e á moral universal. Que de mais elevado, de mais pratico por exemplo—do que as linhas seguintes do *Appendice* final, onde um dos canceros que roe mais profundamente a classe operaria he tão potentemente assignalado !

O facto saliente, aquelle que com toda a clareza deve ser apresentado, por isso mesmo que em razão de sua evidencia exclue as theorias e as formulas systematicas, he a desigualdade existente, no que diz respeito ao desenvolvimento da providencia, entre as diversas familias d'uma mesma localidade, e mesmo entre populações inteiras pertencentes á localidades differentes. Os dous typos principaes que a este respeito se deve notar distinguem-se á tal ponto por suas necessidades e tendencias, que os meios de administração que convém á um, são, sob muitos aspectos, inteiramente contrarios á aquelles de que os outros carecem. Logo que se emprehende o estudo, de algumas familias pertencentes á uma e á outra cathegoria facilmente se concebe esta verdade em toda a sua plenitude.

Os individuos providentes se recommendam immediatamente pelo amor ao trabalho e pela temperança (1) ; qualquer que seja a critica condição em que estejam, encontram sempre em si mesmos recursos infalliveis para appropriar-se dos meios de existencia. E até facilmente passam além, quando as instituições ou os costumes não se oppoem ao seu impulso ; e se ao caracter distinctivo, elles reunem moralidade e intelligencia, vê-se que immediatamente se elevam acima da condição em que nasceram, e depois honrosamente galgam ás classes superiores da sociedade. Para desenvolver tanto quanto convém suas qualidades moraes e intellectuaes, os individuos desta cathegoria necessitam apenas de encontrar na constituição social e nos chefes das officinas por conta dos quaes trabalham, ao findar seu tirocinio, uma firme direcção religiosa e livre disposição de sua aptidão.

He nelles que se encontra esse amor racional de independencia que he a principal força dos povos, bem como dos individuos; multiplicando-se progressivamente nas nações occidentaes são elles que as tem tornado dignas da liberdade que gozam.

Os individuos imprevidentes podem possuir a maior parte das virtudes que contribuem para a felicidade dos precedentes ; como estes distinguem-se aquelles ás mais das vezes por eminentes qualidades do coração e espirito ; e até mesmo sua imprevidencia se casa frequentes vezes á bellas e honrosas qualidades : á generosidade, á devoção, ao enthusiasmo, á fé na bondade divina. Porém ella apezar destas virtudes, nutre um mal espantoso : he causa da esterilidade na maior parte, e obsta constantemente á que uma familia crie por seus proprios recursos um futuro seguro, pondo-se ao abrigo das eventualidades que de tempos á tempos accommettem inopinadamente a humanidade.

E ainda mesmo que, debaixo de todos os outros pontos de vista, ella se ache collocada em condições as mais favoraveis—a familia não poderá escapar as privações que resultarem dessas eventualidades, se acaso uma influencia superior não supprir á esta insufficiencia por uma constante solicitude.

Os operarios imprevidentes, por isso mesmo que não podem por seus proprios recursos vencer as difficuldades accidentaes da existencia, são constantemente arrastados, não obstante as felizes alternativas que se apresentam, á sua condição primitiva ; o estado de dependencia em que vivem he necessario e permanente, porque o germen existe nelles. Esta dependencia torna-se mais rigorosa quando á falta de previdencia se liga a ausencia das virtudes sobre as quaes repousa a conservação das sociedades ; quando, por exemplo, as populações se entregam sem restricção ao impulso dos appetites materiaes, quando se inclinam aos habitos da vida nomada, e mostram pouca tendencia aos trabalhos da vida sedentaria ; quando, sobretudo, o sentimento religioso não está assaz desenvolvido para lhes proporcionar um ponto de apoio contra sua propria fraqueza.

Os individuos pertencentes á esta segunda classe, se se entregarem ás inspirações do seu livre arbitrio, não poderão fruir a segurança — que he a primeira condição das populações — ; pois que para a ordem e a harmonia se manterem na sociedade, he necessario que elles encontrem pelo menos protecção e soccorro, e algumas vezes mesmo uma direcção effectiva, ou um freio salutar. Esses typos constituem ainda a massa das populações do Oriente ; e he principalmente á sua imperfeição moral que se deve a conservação do antigo regimen da autoridade. O seu excessivo numero nos confins da Europa he ainda a principal causa dos obstaculos que pesam hoje sobre as sociedades do Occidente ; estas devem, primeiro que tudo, emancipa-los pela iniciativa á previdencia, afim de obter os productivos resultados que se não encontram ainda, senão em germen, em suas instituições.»

Verdades tão obvias trazem comsigo mesmo as suas consequencias. A segurança das sociedades basêa-se nesta obrigação de economia e previdencia, e ellas somente gozarão de calma e prosperidade— quando empregarem todos os seus esforços em desenvolver nas classes laboriosas o instincto destas virtudes—, em crear e fortalecer as instituições de previdencia, em combater as doutrinas que tentarem substituir as paixões ao estudo imparcial dos factos. Finalmente o autor consagra um paragrapho especial de suas conclusões á discussão do valor relativo das instituições e dos costumes, que, nos diversos paizes da Europa, supprem á falta de previdencia nas classes laboriosas. A citação textual deste paragrapho dará uma idéa da importancia das apreciações que o autor estabelece sobre numerosas observações de circumstancias particulares coordenadas em seu livro.

«As nações européas empregam um sem numero de meios para soccorrer e dirigir as populações imprevidentes : uns repousam exclusivamente na autoridade dos costumes; outros são estabelecidos por prescripções formaes do governante; os mais numerosos ligam-se ás instituições que sanccionam a intervenção combinada dos costumes e leis.

«A força preponderante dos costumes se revela sobretudo pela adopção de um bom regimen das convenções, pela organisação espontanea das emigrações periodicas ou permanentes, pelas garantias que a opinião publica exige dos jovens que aspiram ao matrimonio, pela organisação intelligente e moralisadôra direcção dada ao padroado e á caridade privada, pelos habitos que fazem inclinar os individuos á appropriar-se de animaes domesticos e de habitações, que se ligam á acquisição de vestuarios de preço, joias etc

«Existe aqui e alli no Occidente alguns districtos em que esses costumes tem adquirido força bastante para fazer cahir em desuso a mór parte das leis antigas organisando a protecção em favor das populações

«Acontece o contrario entre os povos do Oriente: o bem-estar das classes inferiores e a prosperidade do estado não podem ser garantidos senão por leis positivas que imponham formalmente á uns o gravame do trabalho manual, á outros a incumbencia dos soccorros, tirando por tanto a liberdade á todas as classes da hierarchia social.

«Seguramente, não existe, ainda entre as sociedades mais civilisadas, uma só importante nação em que as classes imprevidentes possam dispensar o apoio que ellas encontram em certas instituições positivas ; mas erra-se grosseiramente, quando para remediar os males que se manifestam accidentalmente, propõe-se recorrer as leis, que entre os povos menos civilisados, organisam imperativamente os soccorros. Uma tal necessidade constitue, entre o povo em que ella apparecer, um symptoma incontestavel de decadencia. Os que crêem no progresso da nacionalidade a que pertencem devem em iguaes circumstancias dirigir seus esforços, não para aggravar as leis dos soccorros, mas para a reforma dos costumes. Uma rapida analyse das principaes instituições da previdencia assignaladas na continuação desta obra porá patente esta verdade.

«O regimen das convenções forçadas, tal qual se dá na regiao oriental da Europa, deve ser citado na primeira ordem das instituições positivas que providenciam á respeito dos soccorros e da direcção das populações imprevidentes. He o unico em que a solicitude do legislador comprehendendo todas as particularidades da vida domestica, em completamente conjurado as eventualidades que podem comprometter a segurança das familias.

Mas os inconvenientes deste regimen estão em proporção aos seus prós ; nos proprios paizes em que elle vigora os homens illustrados não o consideram senão como uma necessidade temporaria, e a principal preoccupação dos governos he de acabar com elle.

As estaveis corporações (*Innungen*, [illegible]) d'Allemanha meridional, baseadas nos mesmos principios, que as antigas corporações francezas d'artes e officios, e as companhias (guildes) da Inglaterra, tendem principalmente á garantir os operarios dos revezes d'uma concurrencia exagerada ; ellas obtém este resultado limitando o numero dos officiaes e dos aprendizes ; mas dentre essas instituições as que ainda subsistem tem perdido, pela maior parte, a sua efficacia : ellas não poderiam conservar sua antiga organisação senão nullificando em germen a grande industria, que constitue a força e a gloria das sociedades modernas ; demais estão hoje em completa decadencia. Para conservar seus ultimos vestigios as communas allemães devem cada dia ir revogando as disposições restrictivas que se não podem conciliar com as tendencias geraes d'uma sociedade que progride.

As corporações mineiras da Allemanha attenuam ou annulam os inconvenientes que poderia acarretar a concurrencia local, explorando, com elevado calculo de união, todos os sitios mineraes de um mesmo districto, ainda que elles constituam diversas propriedades. Ellas centralisam, de mais a mais, a cultura das florestas, a canalisação das aguas motôras, a fusão dos mineraes do commercio dos metaes. He com estas condições que lhes tem sido possivel organisar em favor dos seus operarios um vasto systema de soccorros e de direcção, que comprehende todas as eventualidades que poderiam compromettir o bem-estar das familias. As leis que regulam na Suecia a organisação dos — *bergslags* — produzem o mesmo resultado, deixando livremente á um sem numero de particulares o cuidado de explorar as minas, as florestas e as fabricas ; a sua influencia se faz sentir principalmente na suppressão das lutas que a compra das madeiras e do carvão, poderia occasionar entre os concurrentes ; os regulamentos dos — *bergslags* — garantem, além disso, a veracidade das qualidades dos metaes affiançados pela marca da fabrica ; e impedem por tanto que as condições d'uma concurrencia leal sejam falseadas pela avidez dos exploradores.

Convém notar que estas instituições se applicam á industrias, cujo desenvolvimento está subordinado aos recursos provenientes das minas, das florestas, das aguas, ou em outros termos, cujos productos são limitados mesmo pela natureza das cousas. Regularisando a producção de modo algum se obsta ao desenvolvimento das industrias ; apenas modera-se uma rivalidade que não poderia existir senão de uma maneira esteril. Os regulamentos que dizem respeito á estes casos especiaes são pela maior parte isentos dos inconvenientes que offereceriam se fossem applicaveis á totalidade do regimen manufactureiro. Seriam intoleraveis na mór parte dos districtos metallurgicos do Occidente, cuja producção, pode augmentar indefinitivamente, pela intervenção das machinas á vapor e pelo emprego do combustivel mineral. Deste modo uma legislação analoga regeu por muito tempo e com feliz exito as fabricas de ferro da França. Esta legislação subsiste ainda como base ; mas, á vinte annos á esta parte, ella vai cahindo em desuso pelo prestigio de innumeros estabelecimentos de carvão de pedra.

He de notar, que até mesmo naquelles paizes d'Allemanha e da Suecia, onde a industria mineral continua a empregar exclusivamente as aguas motôras e as madeiras, as pessoas esclarecidas apenas toleram o regimen das corporações e dos *bergslags* ; estas corporações não avaliam as consequencias directas desse regimen, a estabilidade da industria e a segurança das existencias individuaes ; pelo contrario preoccupam-se demasiadamente com bagatellas que elle indirectamente oppõe a liberdade das transacções, e ao progresso geral da sociedade. Parece que os homens de estado mais influentes gloriam-se em revogar essas legislações excepcionaes, concedendo mais liberdade á todos os ramos da industria. Estas tendencias manifestam ao menos uma advertencia em relação a extrema reserva que convém guardar, no que diz respeito á nova admissão dos regulamentos restrictivos, nos paizes do Occidente onde as populações estão expostas a pressão d'uma concurrencia exagerada.

A existencia de terras communs e a conservação de postos estereis devem ser collocadas, no estado actual da Europa, entre os meios de soccorro mais efficazes estabelecidos em favor das populações ruraes ; muitas vezes mesmo, estas tem podido por este meio escapar ás garras do pauperismo, e manter-se em um tal qual estado de bem-estar e de independencia. [illegible] ertas communas, que se acham em condições excepcionaes, tem sabido conciliar estas vantagens com as conveniencias da agricultura ; e recorrendo á combinações engenhosas obteem, de uma certa superficie de terras indivisas, productos iguaes aos que se obteria dessas mesmas terras no regimen da propriedade privada. Mas na generalidade dos casos dá-se o contrario ; a exploração indivisa, limitando o numero das culturas, tende a restringir consideravelmente a força productiva do sólo. [illegible] as monographias abaixo citadas apresenta-se as conveniencias proprias aos que tem jus á usar dos pastos, conveniencias que em muitos casos aconselham que se conserve momentaneamente o regimen actual ; mas o interesse publico exigirá que esses bens sejam alienados, logo que o progresso das populações permittir a adopção d'um melhor regimen.

Com maioria de razão motivos analogos condemnarão ainda a instituição de pastos estereis, que mantem na pratica uma cultura viciosa, e cujo fundamento mesmo traz comsigo um obice permanente ao desenvolvimento da prosperidade individual.

As administrações municipaes da Allemanha e Inglaterra, recebendo os principios adoptados por suas corporações d'artes e officios, organisaram á muito tempo de uma maneira formal o soccorro dos pobres por meio de regulamentos que ainda vigoram, até mesmo nas communas onde as antigas corporações já não existem. Estas instituições influem consideravelmente sobre o todo da constituição social.

He incontestavel a conveniencia de soccorrer por via de instituições positivas aos individuos cahidos na miseria, quando causas accidentaes promoverem inesperadamente o pauperismo, ou quando a depravação dos costumes fizer com que as classes superiores da sociedade não concorram espontaneamente para o soccorro dos indigentes. Com estas condições, até hoje nada se ha feito que possa supprir a organisação estabelecida pelas administrações parochiaes da Allemanha e Inglaterra. Porém os partidarios deste regimen não desconhecem os vicios que elle encobre em theoria, e os inconvenientes que offerece na pratica. Quando os soccorros são prodigalisados desmoralisa-se as populações, que se habituam a pedir, e a esmollar os meios de substancia, que o trabalho lhes poderia dar ; sob outro ponto de vista, o rigor, que se faz preciso empregar, para prevenir este abuso, e que na Inglaterra chegou ao ponto de quebrar os laços mais sagrados entre as familias necessitadas, he tambem uma outra causa de desmoralisação tanto para os que dão como para os que recebem. A manutenção da taxa dos pobres he um dos symptomas que melhor caracterisa a imperfeição que ainda subsiste na Inglaterra; a revogação deste regimen he uma das principaes preoccupações de homens generosos, que não [illegible] cessam de solicitar a reforma do systema social [illegible] ados por patriotismo e espirito christão ao m[illegible] tempo.

Meios auxil[illegible]s, que repousam sobre instituições menos formaes em seu fundamento, tem dominado, até estes ultimos tempos, nos conventos e congregações catholicas da Hespanha e da Italia ; delles ainda se encontram vestigios no imperio austriaco. Nunca porém apresentaram na pratica as miseraveis circumstancias que se tem celebrisado na Inglaterra com o regimen da taxa dos pobres ; porém a liberalidade mesmo com que os soccorros eram prestados tinha o inconveniente de enfraquecer nas populações a propensão ao trabalho. Os fundos dos soccorros que se compunham de bens de mão morta foram consideravelmente reduzidos nos fins do ultimo seculo. A opinião publica, exacerbada no continente pelos abusos que se tem dado na administração destes bens, reclama quasi por toda a parte a alienação dos que ainda subsistem ; na Inglaterra, pelo contrario, a opinião he favoravel á manutenção dos que garantem ainda os serviços da igreja, do ensino superior, e dos hospicios.

O soccorro aos doentes, aos enfermos e aos velhos he organisado em grande escalla em muitas das cidades do Occidente, mediante hospitaes e hospicios providos de immensas doações, e obrigados á receber os indigentes de toda e qualquer cathegoria. Do mesmo modo que a taxa dos pobres na Inglaterra, estas instituições não poderiam ser immediatamente substituidas por outras equivalentes. Offerecem comtudo graves inconvenientes, os quaes só a moralisação dos costumes poderá evitar : os hospitaes e os hospicios das grandes cidades destroem incessantemente esse principio salutar da antiga economia européa, que impõe a cada industria o soccorro dos operarios que empregar, e esta regra de moral, que ainda he mais essencial, e que ordena ás familias de cuidar de seus enfermos e velhos; elles isentam as manufacturas urbanas dos impostos, que continuam á pezar sobre as manufacturas ruraes, e, sob este ponto de vista, estimulam de uma maneira permanente a tendencia mui perigosa, na França, que accumula de mais á mais nas grandes cidades as populações necessitadas. O soccorro dos doentes por meio de domicilios, como adoptam muitas administrações urbanas, he em parte isento destes inconvenientes, no que diz respeito a moralidade das familias ; porém no ponto de vista economico conserva os que são proprios ao regimen dos hospitaes.

As corporações allemães, que contrahem para com as populações os deveres de soccorros, se creem autorisadas á limitar os gravames restringindo rigorosamente o casamento dos operarios; geralmente estes não obtém esta autorisação senão quando já tem uma tal ou qual posição, ou quando se approximam á uma idade avançada ; por vezes prohibem-no absolutamente aos indigentes. As corporações parochiaes, encarregadas na Inglaterra de administrar a taxa dos pobres, inspiram-se dos mesmos principios ; pelo que se tem visto obrigadas á romper a cohabitação de esposos e dos filhos, nas familias que pedem soccorros, para os submetter isoladamente ao regimen das casas de trabalho. Porém estas tendencias podem ser difficilmente justificadas : os regulamentos que tem em vista restringir, pela prohibição do casamento, o desenvolvimento da população indigente, não são somente immoraes ; tem de mais á mais o inconveniente de nunca attingirem o fim á que se propõe.

Muitos d'estes regulamentos não produzem outro resultado á não ser o de organisar um escandalo publico.

As communas hespanholas, plenamente providas de bens indivisos, se bem que esta abundancia mesmo não comporte o desenvolvimento da indigencia, garantem o bem-estar da população toda inteira organisando gratuitamente serviços, em toda a parte explorados á titulos onerosos, para as familias que á ellas recorem : taes são, independentemente da instrucção primaria, a profissão da medicina, a arte veterinaria, os estabelerimentos de talhos, a construção de fornos e lagares, etc. Esta organisação colloca as populações em um estado d'abastança tanto mais seguro, quanto estas pela maior parte apresentão pouca tendencia a se multiplicar. Este estado de cousas que se observa igualmente com as mesmas condições em qualquer parte, deve ser sobre tudo attribuido a vigilancia com que os habitantes repellem toda e qualquer emigração de estrangeiros para as communas, e tambem deve ser attribuido a força da opinião que obsta que os jovens se casem imprudente ou prematuramente, e finalmente, muitas vezes tambem, a esterilidade do matrimonio. Em contrapezo aos bellos resultados que ellas produzem, as communas ruraes apresentão em parte os inconvenientes querem proprios ás antigas corporações urbanas d'artes e officios, e todos aquelles que resultam de todo o regimen de communhão : este estado local de bem-estar, fundado sobre a immobilidade e cultura indivisa de grande quantidade de bens communs, he, definitivamente, obtido com detrimento da iniciativa individual, e por consequencia, da prosperidade geral e do poder do Estado (2)

Para completar esta numeração importa mencionar um grupo importante d'instituições cujo fim he assegurar o futuro das familias, ou de provocar pelo attractivo da pequena propriedade a emancipação das classes inferiores, estabelecendo, quasi sempre contra a vontade dos proprietarios, uma certa divisão do solo. Basta apenas mencionar aqui as leis e os costumes que garantem, de geração em geração, a transmissão integral das heranças ; ellas não se referem, com effeito, senão as classes superiores ; e tal he o caso, por exemplo, das substituições, que, com caracteres essencialmente differentes, estão ainda em vigor na Inglaterra e em muitos paizes do continente. A transmissão integral das pequenas propriedades dos paizanos he igualmente, para muitos paizes, uma verdadeira instituição nacional ; mas acha-se de tal modo identificada com as necessidades das populações, que nem exige a pressão de leis especiaes ; este regimen se mantem, na maior parte dos casos, pela unica força dos costumes e como uma consequencia natural do principio da propriedade e familia. Pelo contrario, he preciso recorrer por toda a parte a disposição imperativas para impor ás populações a partilha das heranças.

He assim que na maior parte das communas agricolas da Russia regulamentos positivos prescrevem, com intervalos de treze a quinze annos, uma nova partilha que dá as diversas familias quantidades de terra proporcionaes ao numero de *tiaglo*— isto he, de braços uteis de que ellas dispoem. Provera da mesma fonte as disposições do codigo civil francez que dão aos filhos direitos iguaes a herança paterna, e que os auctorisão a dividir entre si, materialmente e por porções iguaes, cada uma das parcellas de terra de que ella se compozer. He igualmente n'este systema de leis que se observam as prescripções reclamadas pelos economistas inglezes da escola radical, que, reconhecendo a necessidade de manter intacto, com o direito de testar, o principio mesmo da propriedade, desejavam todavia que o soberano fixasse um maximum para os valores que podiam ser legados a uma mesma pessoa. Estas leis bem como todas as instituições que restringem a liberdade e a iniciativa individual, tem uma utilidade temporaria em relação a imperfeição actual das sociedades ; mas por toda a parte o interesse publico reclama a revogação dellas, a medida que o progresso dos costumes vai tornando cada povo mais capaz de se governar a si proprio.

As leis agrarias, cujas prescripções na Russia são mais formaes que em outra qualquer parte do continente, attingem perfeitamente n'esse paiz o fim do legislador : estão em harmonia com uma organisação social que assegura todas as existencias individuaes subordinando-as triplicadamente ao chefe de familia, ao conselho, e ao senhor ; com o que procura-se ligar as familias collocando-as em condições iguaes de bem-estar. Estas leis estão, pelo contrario, em opposição formal com as constituições do Occidente, fundadas sobre o prestigio incessante de todos os individuos que se destinguirem por suas virtudes e talentos ; o progresso seria minado em seu fundamento, se a partilha forçada das terras devesse constantemente fazer recuar ao nivel das massas essas individualidades eminentes.

Entretanto mil circunstancias diversas se ligam mesmo entre os povos mais adiantados do Occidente, para que se sympathise, não com essas disposições absolutas das leis agrarias, mas á instituições que, com formulas mais brandas e menos obstaculos para a liberdade individual, derivam-se em sua essencia, do mesmo principio. Nas grandes nações do Occidente as terras por muito tempo ficaram englobadas em immensas heranças, como ainda hoje acontece na Russia ; porem a condição das populações encarregadas da cultura d'essas terras se tem modificado por principios diametralmente oppostos.

Na Russia, a dependencia pessoal imposta aos operarios agricultores se tem aggravado nos dous ultimos seculos, ao passo que os seus direitos á propriedade do solo tornam-se mais pronunciados : esses direitos nunca foram contestados, e a emancipação parcial que tem resultado em favor dos paizanos do dominio imperial se tem sempre manifestado pela attribuição mais completa possivel, salvo o direito communal, das terras precedentemente occupadas.

No Occidente, pelo contrario, a emancipação dos paizanos, realisada a muito tempo, não arrastou geralmente como consequencia a propriedade do solo ; a dissolução dos vinculos feudaes tem muitas vezes occasionado uma attribuição de bens feita definitivamente ás communidades dos paisanos ; mas a admissão d'estes ultimos á propriedade privada devida, geralmente, a acquisições especiaes, tem conservado, na mor parte dos casos, o caracter de um facto individual.—D'ahi resulta que em toda a parte onde as grandes heranças se tem conservado com o soccorro das substituições, os paisanos se tem pouco a pouco transformado em operarios do mesticos; em jornaleiros sem foreiros.

Este regimen se tem conservado até os nossos dias sem muita difficuldade, e em diversas nações, na Inglaterra, por exemplo, onde as classes superiores tem exercido os seus direitos com moderação e intellegencia, tirando ás substituições todo o caracter de privilegio, procurando concilia-la por toda a parte, na applicação, com o progresso das classes medias, e bem-estar das classes inferiores. Entretanto estas leis restrictivas combatem sempre certos interesses ; acham-se em opposição directa com muitas consequencias que se deduzem logicamente, entre um povo livre, dos principios mesmo da constituição social ; não he pois para admirar que sejão vivamente attacados. E, como sempre acontece, sendo difficil conter-se a gente nos limites traçados pela rasão e justiça, apparecem certos espiritos inclinados a recaação e as medidas extremas que pretendem comprimir em sentido inverso a vontade dos proprietarios, e pedem que a lei, em vez de conservar a transmissão integral das heranças, preserva para o futuro a divisão d'ellas.

Estas tendencias tem tido mais importancia nas nações em que as classes superiores, infieis a seus deveres e desrespeitando-se a si mesmas, tem por isso propalado que a manutenção de seus privilegios era incompativel com os direitos e bem-estar das outras classes da sociedade. Sob esta influencia foi que se levou a effeito na França a revolução de 1789 ; e na reacção que acompanha teda alteração precipitada das instituições, tem naturalmente acontecido que as leis novas tem provocado com exageração a divisão das heranças, com receio dos abusos aos quaes tinha dado lugar, no antigo regimen, o principio das substituições e dos bens de mão-morta.

As opiniões que provocaram a legislação nova dominam ainda hoje, se bem que a antiga ordem de cousas tenha soffrido profundas modificações.

Com effeito, em todas as provincias em que o antigo regimen desenvolveu nos paisanos o amor ao trabalho e a temperança, em todas as provincias em que por outra parte, o regimen das substituições transmittia integralmente em certas familias as terras que setas adquiriam, o novo rigimen inaugurava uma era de progesso : o principio fecundo da pequena propriedade, fertilisando o solo e elevando a condição dos paisanos, produziu todas as maravilhas assignaladas pelo escriptores que se votaram á grorificação d'esta regimen. Mas, ha sessenta annos á esta parte, todos os resultados d'este genero que comportava o estado intellectual e moral das populações foram obtidos, e quasi geralmente os resultados excederam muito a expectativá. Atei das successões tem expressamente dado, á pesar a vontade dos paes de familia e sem o verdict da opinião, terras á herdeiros incapazes de as cultivar com discernimento, especuladores imprevidentes e mal intencionados tem excitado o desejo de propriedade no meio de populações que não estão preparadas á tirar vantagens d'ella ; o unico resultado d'essas creações facticias da lei ou da especulação tem sido de subcarregar os detentores do solo com o onus da hypotheca e da usura, e desenvolveu com proporções gegantescas estes dous flagelos em muitos districtos ruraes da França.

N'este estado de cousas, e quando á muito as consequencias do antigo regimen das substituições tem sido abolidas, as leis que provocam a divisão forçada do solo não produzem mais os resultados que experam os partidarios systematicos da pequena propriedade. Com effeito, nenhum solo por mais extenso que seja pode resistir a invasão dos paisanos estabelecidos na visinhança e que possuem em alto gráo as qualidades de pequeno proprietario, he sufficiente para que seu exito seja feliz, que a lei estabeleça a liberdade das transações. Por outra parte, os afforamentos de terra que por muitas vezes se ha tentado realisar em relação á populações desprovidas d'essa mesmas qualidades, por exemplo, na occasião das partilha dos bens communs, não tem tido outros resultados senão excitar momentaneamente a intemperança, ou provocar empresas mal planeadas, e de fazer com que estes proprietarios de um dia recaiam em uma situação inferior á aquella em que se achavam antigamente.

Muitas vezes temos dito que o novo regimen presentemente produz resultados oppostos á aquelles que outr'ora produziu, e em attenção dos quaes este foi creado.

Nos paizes em que existem somente as condições das grandes propriedades em curtos intervalos succedem-se os proprietarios ; muitas vezes esta instabilidade tem terriveis consequencias, quer para as culturas, plantações, e florestas, quer para as populações mesmo : porem ella não altera a situação das culturas, e não augmenta as pequenas culturas dos paisanos.—Pelo contrario, nos territorios occupados por paisanos proprietarios, a instabilidade se manifesta não só no complexo das culturas como tambem na posse ; nas familias em que não apparece o espirito de pervidencia, ella multiplica rapidamente o typo, especial á França e á Allemanha oriental, do proprietario indigente ; não se concilia porem com o bem estar permanente dos proprietarios se não nas localidades, que na verdade de dia em dia se tornam mais numerosas, onde estes adoptam como principio d'economia social a esterilidade do casamento. Em uma palavra, sem esta influencia, a pequena propriedade não se mantem senão com detrimento da moral e da nacionalidade.

Em resumo, as theorias que reclamam a divisão forçada do territorio são raras vezes justificadas pela situação real das populações. As leis filhas d'estas theorias podem ter uma utilidade momentanea em um povo cuja constituição tenha sido viciada pelo abuso do systema opposto : por outro lado, verificando-se a conservação das substituições para uma parte de propriedade territorial entre o povo o mais livre da Europa, não se pode affirmar, ainda assim que a abolição d'esse regimen occasionasse progessos.—

Porem admittindo mesmo sobre este ponto as theorias da escola radical, como no continente estão dispostos á fazer, d'ahi nada resulta que dê lugar a restabelecer-se outra cousa á não ser o direito commum, que na Inglaterra e nos Estados-Unidos se resume na liberdade dos proprietarios e no verdict da opinião. Na falta d'uma profunda discussão, que não cabe no quadro d'esta obra, as considerações precedentes fazem ao menos entrever que todo obstaculo que se opõe, no que diz respeito á divisão do solo, á solicitude e ao discernimento dos pais de familia, he uma causa d'instabilidade para os individuos e de decadencia para os Estados.

Somos pois levados a concluir sobre este objecto, como já o fizemos á respeito das outras leis restrictivas estabelecidas em proveito das classes imprevidentes—, quando as analysamos, que : entre os povos que se acham em certo gráo de moralidade e de intelligencia, o melhor regimen da propriedade territorial he aquelle que garante aos proprietarios a maior somma de liberdade.

A esta analyse, que mostra a revogação das leis restrictivas triumphante com o progesso da civilisação, pode-se objectar que a Inglaterra, depois de ter deixado cahir em desuso as leis relativas a organisação do trabalho manufactureiro, voltou, nestes ultimos tempos, ao regimen restrictivo. Ella promulgou leis rigorosas para regularisar o trabalho dos menores e das mulheres nas minas e nas manufacturas, e este exemplo tem sido seguido por muitos povos do Occidente. As causas desta anomalia serão expostas em uma nota especial. A deploravel condição em que o novo regimen manufactureiro colloca as mulheres e os meneres, ligasse a circunstancias de que a historia não offerece precedentes, cujo alcance não pode ser logo calculado, e que tem sorprehendido as sociedades. Depois da descoberta da machina a vapor e da applicação do carvão de pedra a todas ás necessidades da industria as populações operarias vivem em tal contacto com as caldeiras, que as antigas relações entre os chefes d'officina e os operarios quebraram-se precipitadamente. A miseria e a degradação moral, que para os ultimos he a consequencia do isolamento, constituiam uma verdadeira decadencia da civilisação : era pois natural ás leis da tradição europea, que para remediar este mal, se recorresse momentaneamente a uma agravação do regimen restrictivo e regulamentar. Mas já os costumes privados, consolidados por essas prescripções salutares, começam á antecipar o pensamento do legislador novamente ; não está longe o momento, em que o progresso tornando á começar seu curso regular a este respeito, ellas bastarão para a manutenção da harmonia social.

Independentemente destes meios de soccorros e direcção cujo emprego tem um caracter local, e que repousam exclusivamente quer sobre os costumes, quer sobre leis positivas, as sociedades appoiam-se desde que o mundo he mundo sobre tres instituições tutelares—, a *familia* a *associação* e o *padroado*, que derivam-se necessariamente dos mais poderosos affectos e mais imperiosas necessidades do genero humano.— Cada uma destas instituições, considerada em seu principio e em sua organisação, he d'alguma sorte o resumo e a representação fiel da sociedade toda inteira ; a influencia da lei ou dos costumes, a intervenção da auctoridade ou da liberdade, se fazem sentir com as mesmas proporções relativas que no todo do systema social. As populações imprevidentes, em particular, encontram nellas um apoio sem preformal, porem cujo caracter está essencialmente subordinado ao estado da civilisação.

As questões sociaes e politicas, de que a nossa epoca se preocupa tão excessivamente, estão intimamente ligadas em cada povo ao estado de suas instituições : ellas consistem sobre tudo em terminar a organisação que estas devem receber para que as leis e os costumes, a authoridade e a liberdade estejam em justo equilibrio.»

Nos tres paragraphos seguintes, o auctor esboça em largos traços a organisação da familia, d'associação e do padroado nas diversas regiões da Europa; baseando-se sempre sobre factos consignados em sua obra, elle especifica as causas de progesso e decadencia que resultam para os diversos povos do estado dos costumes ou das instituições.

Estas citações por nós escolhidas, o que os leitoires nos hão de agradecer, convencer-lhes-hão mais uma vez que S. M. o Imperador, ordenando que a bella obra de M. F. Le Play fosse impressa na typographia imperial, previu o que n'ella se contem de verdadeira e alta sciencia social, o que justifica o affan com que todos os homens competentes procuravam têl-a. Sentimos porem que uma edição mais popular e mais portatil, que o magnifico *in-folio* da typographia imperial, não generalise mais os estudos de M. F. Le Play.

Quando se falla, como auctor, alto bastante para ser ouvido de muito longe, deve-mo-nos lembrar que a auctoridade de um successo nas espheras elevadas não exime obrigação, mais agradavel talvez, de levar a luz ás mais humildes regiões do trabalho e da meditação ; e que as classes operarias ganham mais, quando conhecendo-se a sua linguagem e suas neccessidades, a gente se dirige pessoalmente á ellas, do que quando sabem que se tem occupado do seu estado, ainda mesmo que se tenha em vistas tanto bem. quanto o que esta obra lhe hade proporcionar. Na sciencia da melhoração das classes laboriosas nada deve ser indifferente, nada deve existir á não ser uma preocupação constante, nada he indigno de uma intelligencia superior ; e eis porque o auctor, accumulando em sua obra todos os documentos relativos ás instituições fundamentaes do trabalho, da ordem e da previdencia, e indicando os meios os mais efficazes para garantir-lhes o progresso e prevenir-lhes a decadencia tem bem merecido de todas as classes, e adquirido o direito de dirigir-se tanto aos mais baixos, como aos mais elevados.

A. Pascal.—

(Moniteur Universel.)

(1) Para a intelligencia das citações faz-se-nos preciso dizer que as asserções do autor referem-se constantemente á factos assignalados no corpo da obra. Essas referencias foram supprimidas por nós no extracto que apresentamos.

(2) Julgamos a proposito repetir aqui que as asserções, que se apresentam sob a forma de um succinto resumo, são fundadas sobre particularidades dos—estudos—, aos quaes o auctor frequentemente envia o leitor.

Noticias Diversas.

SABBADO.

Este dia he dedicado a Virgem Senhora : 1.º por ser mais que martyr na paixão desse Divino Filho ; e assim como a sexta-feira, se dedicou a Christo, e a sua paixão ; assim o sabbado, se dedicou á Mãi de Deos, como aos martyres o dia do seu martyrio : 2.º porque mediando o sabbado entre a sexta-feira, que he dia da paixão e penitencia, e o domingo, que he dia de descanço e alegria, se dedicou este dia entre a pena e o gozo, á NOSSA SENHORA, por ser medianeira entre Deos, e os homens, entre a justiça e a misericordia, entre a paixão, que occasionaram as nossas culpas, e entre a gloria de perdoa-las : 3.º por que no sabbado e no domingo estivessem sem divisão os applausos da Mãi com as venerações do Filho : 4.º, porque o sabbado he o ultimo dia da semana, que representa mysticamente o ultimo dia de nossa vida, e do juizo final ; e dedicou a igreja o sabbado á Virgem Nossa Senhora, como especialissima advogada e protectora, que ha de ser nossa naquella hora, naquelle dia.

O Sr. presidente do conselho de salubridade, acompanhado pelo Sr. cirurgião Francisco José da Silva, foram sexta-feira examinar o estado da salubridade da cidade de Olinda, que acharam ser excellente. Tambem examinaram os concertos que se estão fazendo no antigo hospital da Misericordia, para receber os doentes caso, a epidemia por alli appareça, os quaes parece que vão morosamente.

Limoeiro 7 de fevereiro de 1856.

Cada dia e a cada momento, se vão multiplicando os casos da molestia, e ainda hoje tivemos quatro victimas. Muito tem assustado a população os estragos da cidade da Victoria, d'onde ha chegado grande numero de pessoas emigradas. Ao mesmo tempo que cahem por esta villa e arrabaldes pessoas feridas do mal, acaba de chegar o officio de Bom-Jardim, o qual diz que a molestia tem-se manifestado em grande escalla, e com caracter violento, não he só a molestia, he tambem a fome, temos falta dos principaes generos, os matutos já não vão a cidade, e não sei o que será de nós.

Os rios Beberibe e Capibaribe, tiveram grande enchente de quinta feira para cá, como costumam trazer nos mezes de maior inverno ; sendo tantos os destroços e agua que tem o segundo, que deu lugar a descer tres esteios da ponte da Magdalena.

O Reverendo Sr. Fr. Serafim, missionario capuchinho, depois de se desconfiar de sua salvação appresenta melhoras, e os medicos o suppõe salvo.

O Sr. Dr. Brito, que voltou da Victoria atacado da epidemia, perigou na noite de 8 a 9 do corrente, e ainda se acha mal.

O Reverendo Sr. Fr. Herculano, religioso Carmelita, e igualmente o seu companheiro ambos vindos da Victoria, acham-se melhorados.

Temos carta da cidade da Parauiba de 4 do corrente, que noticia achar-se alterada, a salubridade, tendo-se dado alguns casos de febre amarella e muitos de intermitentes. O Sr. chefe de policia achava-se gravemente enfermo.

SENTENÇAS.

Morrer praticando virtudes he merecer acclamações de Divino.

Marc. cap. 25.

Morre o ignorante ; porque não deixa de si memorias para o futuro, nem ainda vestigios de passado.

Psal. 36.

DESCULPA.

Ainda neste numero não podemos dar a *Carteira*, por não ter ficado prompta a tempo.

PERN. : TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1856

MUTILADO

ILEGÍVEL